

MESTRADO

ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3º. CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO
ENSINO SECUNDÁRIO

O efeito da insularidade na perspectiva escolar:

Estágio Pedagógico em Artes Visuais na Região Autónoma dos Açores

Romeu Lopes Ávila Moniz Bettencourt

M 2024



O efeito da insularidade na perspectiva escolar:

Estágio Pedagógico em Artes Visuais na Região Autónoma dos Açores

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, com a orientação do Professor Doutor Tiago Assis.

Romeu Lopes Ávila Moniz Bettencourt

Professor orientador: Professor Doutor Tiago Assis

Professor cooperantes: Professora Leonor Couto

Escola de Estágio: *Escola Secundária Antero de Quental*

Palavras-chave: Insularidade, Açorianidade, Artes Visuais, Artista Regional

Resumo

Este relatório é o resultado do processo e estudo da minha prática pedagógica enquanto professor estagiário, realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, que decorreu na Escola Secundária Antero de Quental, na cidade de Ponta Delgada e contou com a participação de estudantes de duas turmas do 12º ano.

Este texto, é uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido com os estudantes, que resulta de uma preocupação observada durante uma das aulas que assisti. Sair da região para a vida universitária, fora da sua zona de residência, é também uma questão demográfica, comparável à emigração. Muitos destes estudantes, após o ciclo universitário, começam a trabalhar nas cidades onde estudaram e não têm a intenção de voltar.

A escola, como espaço de reflexão, desempenha um papel essencial na preparação desses jovens para a vida adulta. Com o apoio de obras da literatura e da arte que retratam a insularidade, desenvolvi uma prática pedagógica que procura responder às dúvidas das turmas, explorando o impacto emocional e identitário que as experiências de emigração e isolamento nos fornecem.

Sair dos Açores é, para muitos, uma necessidade de transformação e descoberta, que nos amplia e permite valorizar quem somos. E, por isso, regressamos sempre de forma diferente, com uma nova compreensão do nosso lugar e das nossas raízes.

Keywords:

Insularity, Azorean identity, Visual arts, Regional artist

This report is the result of the process and study of my pedagogical practice as a trainee teacher, conducted within the framework of the Supervised Teaching Practice in Visual Arts Education for the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education. It took place at Antero de Quental Secondary School, in the city of Ponta Delgada, and involved the participation of students from two 12th grade classes.

This text is a reflection on the work developed with the students, arising from a concern observed during one of the classes I attended. Leaving the region for university life, away from their home area, is also a demographic issue, comparable to emigration. Many of these students, after completing university, begin working in the cities where they studied and have no intention of returning.

Abstract

The school, as a space for reflection, plays an essential role in preparing these young people for adult life. With the support of works of literature and art that portray insularity, I developed a pedagogical practice that seeks to address the concerns of the classes, exploring the emotional and identity-related impact that experiences of emigration and isolation provide us.

Leaving the Azores is, for many, a necessity for transformation and discovery, which expands us and allows us to value who we are. And so, we always return in a different way, with a new understanding of our place and our roots.

À minha mãe, ao meu pai, ao Carlos, às minhas irmãs e à Maria João pela paciência e por me terem apoiado nesta jornada tão importante - o Mestrado.

Aos meus colegas de escola e estudantes das minhas turmas, por tudo o que me ensinaram até hoje.

À Professora Leonor Couto e às suas turmas pelas aulas, pelas críticas e pelos bons momentos de partilha que surgiram durante o meu estágio.

Aos meus professores e colegas do MEAV.

Ao Professor Doutor Tiago Assis, por me ter acompanhado e orientado neste longo caminho de concretização entre os Açores e o Porto.

Ao Professor Doutor Paulo Nogueira e Professor Doutor Pedro Ferreira, por me terem apoiado na concretização do meu estágio nos Açores. Foi de extrema importância para mim.

Muito obrigado, Professores!

Abreviaturas

ESAQ – *Escola Secundária Antero de Quental*

PC – *Professora Cooperante*

PE – *Projeto Educativo*

MEAV – *Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*

Índice

Resumo	4
Abstract	5
Agradecimentos	6
Abreviaturas	7
Introdução	10

I – Uma abordagem sobre o caminho feito até aqui.

1.1	Quem sou e o que me fez aqui chegar?	13
1.2	A Universidade	15
1.3	A importância de ser professor	17

II – Enquadramento Social: A Região, a Cidade e a Escola

2.1	A Região	24
2.2	A Escola e a Cidade	26
2.3	O <i>Projeto Educativo</i> da ESAQ	29
2.4	As Turmas envolvidas na Prática Pedagógica	30

III – A Prática Pedagógica

3.1	Estudantes como barcos à deriva no mar	34
3.2	Como surge a Proposta Didática	35
3.2.1	Na proposta didática, começo com Brandão	38
3.3	A Planificação	39
3.4	Urbano - uma aula com o Adamastor	43
3.5	As Aulas – relação, aprendizagem e orientação	45
3.6	Ser Artista Regional ou Artista da Região	54
3.7	O Mar como limite ou o Mar como oportunidade?	60
3.8	Falhar na perspectiva de professor	64
3.9	Avaliação dos projetos das turmas	66
3.10	Avaliação do Professor em Estágio	67

IV. Reflexão Final

4.	Reflexão sobre uma relação com a açorianidade	69
----	---	----

Bibliografia	75
Videografia	78
Documentos Digitais	78

Anexos

Proposta de Trabalho	80
Plano de Aula	83
Guião de Trabalho	85
Planificação Anual de Oficina de Artes	86
CrITÉrios de Avaliação	91
Fotografias do processo de trabalho das turmas	92
Fotografias da exposição à comunidade escolar	98
Imagem 1 - <i>Os Emigrantes</i> (1926) Domingos Rebelo	102
Imagem 2 - <i>Os Regressantes</i> (1987) Tomaz Borba Vieira	102
Imagem 3 - <i>Os Naufragantes</i> (2012) Urbano	102

Introdução

Neste relatório de estágio, começo por fazer um retrato de mim, desde o início dos meus estudos até à decisão de fazer o mestrado, habilitando-me a ser professor.

A complexidade da educação destaca o papel e a importância da universidade na formação de futuros professores. A universidade exige inteligência, discernimento, conhecimento, competências, valores, humildade e ética para preparar educadores. Para entender a realidade educacional é necessária uma abordagem interdisciplinar que tenha em conta as interações e contextos diversos, baseada na noção de *complexidade* de Edgar Morin (2015). A educação deve promover valores essenciais para o desenvolvimento humano e servir como um símbolo da Verdade. Perante isto, a Universidade não é feita apenas pelos seus cursos, mas também pelos professores, orientadores e facilitadores de conhecimento que criam uma comunidade de pesquisa e pensamento crítico, por meio de métodos inovadores e interdisciplinares, que têm vindo a ajudar a transformação da educação e das escolas ao longo dos últimos vinte anos.

A essência de ser um bom professor vai muito além do ensino de conteúdos curriculares. O Professor humaniza o ensino ao adaptar os conteúdos curriculares à realidade dos estudantes, formando cidadãos críticos e conscientes, capazes de contribuir para uma sociedade mais ativa. A escola é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade. Promove valores, competências sociais, pensamento crítico e prepara as novas gerações para os desafios do futuro.

A Região Autónoma dos Açores, cujas especificidades geográficas, beleza natural e riqueza histórica são indissociáveis das suas realidades sociais e demográficas. Sempre enfrentou desafios consideráveis, nomeadamente a perda populacional causada pelo envelhecimento da população e pela emigração, problemas que influenciam diretamente o desenvolvimento, a dinâmica escolar e o papel das instituições educativas.

O conceito de *mar* não pode ser visto apenas como um limite físico, mas também como uma oportunidade. A metáfora “estudantes como barcos à deriva no mar” ilustra a incerteza e o desejo de explorar novos horizontes, um sentimento comum entre muitos jovens açorianos que cedo percebem a necessidade de sair da ilha para descobrirem o mundo e a si próprios.

A proposta didática que desenvolvi, permitiu criar um espaço de aprendizagem e reflexão, onde tanto os estudantes, como alguns artistas regionais, puderam partilhar as suas experiências e desenvolver um sentido mais profundo de pertença e identidade, tendo como ponto de partida a obra *As Ilhas Desconhecidas*, de Raúl Brandão, que ao descrever as ilhas, captou a condição humana na sua relação entre o mar, o isolamento e a identidade açoriana.

Este relatório está dividido em quatro capítulos: o particular, através do percurso, passando pela importância das instituições que fizeram parte do processo, até ao plural, com as duas turmas com que realizei a prática pedagógica.

O primeiro capítulo é um passaporte para uma viagem entre as etapas da minha vida e como estas influenciaram a escolha para ser professor, através da habilitação que o mestrado me proporcionou.

No segundo capítulo faço a contextualização do meio, do espaço e das pessoas que estiveram envolvidas no estágio.

No terceiro capítulo descrevo a forma como surgiu a proposta, como planifiquei todo o processo de trabalho, realizado com as turmas e de como foi feita a avaliação. Faço também uma abordagem às questões e reflexões dos estudantes que contribuíram para um estudo mais profundo sobre o tema inicial.

No quarto capítulo, a fechar este relatório, faço uma reflexão sobre o tema que envolveu a prática pedagógica, estabelecendo uma relação com o trabalho de três artistas dos Açores de diferentes gerações, que fizeram uma ancoragem com temas das suas obras.

I – Uma abordagem sobre o caminho feito até aqui

1.1 Quem sou e o que me fez aqui chegar?!

Desde o início dos meus estudos, quando os sonhos vagueavam entre uma carreira ligada à criatividade artística e a perspectiva de voar alto, pois, ser piloto de aviação foi sempre a minha mais recôndita e guardada vocação, o tempo ensinou-me de outra forma a voar ainda mais alto, quando na caminhada académica, ligada à vida artística, fui impulsionado por um desejo experimental e vocacional para as lides da Educação e Ensino. Tomei o gosto suplementar pela carreira de professor motivado pela ambiência escolar, os professores, os estudantes, e o prazer de poder ensinar; ajudar a preparar novos artistas, com a marca específica da minha intuição e saberes de experiência-feita. Foi então que surgiu a decisão mais acertada: fazer o mestrado e ser professor, à semelhança de uma certa tradição familiar.

Aos quinze anos, para quem vivia numa ilha, chegar a uma cidade nova - uma grande cidade como o Porto - definir novos objetivos, criar relações e amigos, constitui um amadurecimento precoce e forçado, muito antes do tempo dado, nas contingências naturais da metamorfose evolutiva de um açoriano.

Filho de uma mãe professora e de um pai jornalista, o meu caminho fez-se nas artes quando entrei na Escola Artística Soares dos Reis. Foi a escola que me “acolheu” e fez sentir o Porto como segunda cidade. Ao contrário de tudo o que tinha pensado, segui ourivesaria numa escolha de última hora. Foram as construções à pequena escala que contrariaram o sonho de voar.

Metade de mim está no Porto. Devo a esta cidade todo o meu percurso e as boas pessoas que conheci e mantêm ainda hoje um lugar especial na minha vida. A outra parte de mim pertence à minha ilha, onde voltei para me sentir bem e realizado.

Nunca pensei ser professor. Talvez porque tinha uma noção diferente daquilo que é, na realidade, esta profissão. A primeira experiência surgiu através de um horário de substituição, que até hoje me fez tomar o gosto e iniciar uma constante reflexão sobre a importância do papel de um professor. E hoje, estou aqui.

A universidade é o lugar da análise expectante, da curiosidade disponível e da verdade procurada por cada geração. Não é só o lugar de ensinar o que os outros aprendem. Tarefa necessária, mas é também o lugar de ensinar a procurar novas verdades, a refletir em atitude formativa.

(Pires, 2015, p.50)

1.2 A Universidade

Uma vez que este relatório é uma reflexão sobre a minha prática pedagógica, não poderei falar desse mesmo exercício sem antes referir a importância da universidade na construção de um futuro professor.

Como refere Medeiros (2016, p.198), a Universidade tem um papel importantíssimo na formação e preparação de professores e educadores. Quando se pensa na Educação, qualquer um traz as suas questões e inquietações por não ser uma tarefa fácil, que exige muita inteligência, discernimento, conhecimento, competências, valores, ética e deontologia, ponderação, sensatez e humildade, num mundo cada vez mais incerto. É o que se pode associar à ideia de “Complexidade” de Edgar Morin (2015), em que a compreensão da realidade não pode ser alcançada por meio de análises simples, sendo necessário adotar uma perspectiva complexa que considere as interações, as interconexões e o contexto em que os fenómenos se inserem.

Deste modo, no campo da Educação, trabalhar e ensinar é, na sua essência, um trabalho interdisciplinar. Como se de um ciclo se tratasse, caminhar com o pensar e um pensar com pensamento, sempre a refazer-se. E é através da interdisciplinaridade que se consegue chegar a alguns consensos, recorrendo às sínteses dos grandes sujeitos, referências do conhecimento, para encontrar respostas que façam sentido para as diversidades que os objetos apresentam. É preciso saber questionar e conjugar os diferentes saberes e o mundo, nas suas particularidades e globalidades, nos traços identitários e nas suas diferenças.

É na universidade que embarcamos numa busca incessante por valores superiores, respostas, objetivos e, essencialmente, pela Verdade. Um caminho interpelado por diferentes perspetivas sobre o mundo e a vida, movendo-se da dimensão individual para a dimensão universal. A investigação, a pesquisa e o pensamento crítico são pilares fundamentais desse caminho. A Educação resulta do trabalho construído a partir das reflexões e respostas que o estudo e a investigação universitária proporcionam. A Educação tem de ser um símbolo da Verdade. Verdade que está constantemente em renovação, adaptando-se aos novos desafios que a sociedade, no seu desenvolvimento, vem enfrentando.

Por outro lado, como refere Machado Pires (1981, p.20-22), a Universidade não se faz só dos cursos que oferece. O mérito reside essencialmente nas pessoas que lá estão e quem faz parte de uma Universidade, de que são exemplo os professores doutores e os orientadores de práticas e desafios. Os moderadores de trocas de saberes, das dinâmicas interdisciplinares e inovadoras, das concordâncias e discordâncias. Diferentes autores, palavras e ideias. Tudo faz gerar Valor, cria mérito, em partilha para quem tem a humildade de aprender, de dar e receber. Assim se faz caminho para uma comunidade de investigação e de pensamento em Educação. Devemos ter sempre respeito por quem sabe mais do que nós, para que, mais tarde, outros também olhem para nós com o mesmo respeito e consideração, mesmo que seja na procura de novas Verdades e Valores.

A Educação tem na sua essência a transmissão de valores para que o Ser Humano possa manter-se, enquanto espécie, e conviver em equilíbrio assumindo a grande tarefa e responsabilidade de educar para o bem. “Uma tremenda tarefa que compromete cada um na lisura do seu agir pessoal e institucional” (Medeiros, 2016, p.206). E poderemos correr o risco de presenciarmos as maiores atrocidades no ensino, se negarmos a passagem e o culto desses mesmos valores.

A Formação de Professores, a profissionalização é, por necessidade, muito exigente e essencial. Sem o papel da Universidade, da práxis atuante e dos docentes, professores doutores e orientadores, poderemos estar a comprometer todo o trabalho feito e perpetuar uma evolução, que de si, tem sido extenuante, na educação e na escola das futuras gerações. Sem a Verdade não se formam pessoas capazes de regenerar e humanizar a sociedade.

Aos professores cabe criar um espírito de escola e unir os alunos, que são sempre recetivos, dada a sua generosidade e a sua juventude. Nada mais prejudicial a uma Escola do que dividir as novas gerações, que estão sempre dispostas a amar a sua escola e dela devem manter uma boa imagem para o seu futuro profissional. Aliás, a Universidade é o saudável ponto de encontro

e de convivência de todas as tendências de pensamento e de todas as origens geográficas e sociais.

(Pires, 1994, p. 114)

1.3 A importância de ser professor

Vinte anos após concluir o ensino secundário, regressar à Escola foi para mim uma profunda nostalgia, enquanto observava as diversas transformações que sofreu ao longo do tempo. Não só a Escola, como também a educação dos estudantes e a sociedade. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” (Camões, 1595), o investimento e as prioridades. Na sociedade, a forma como comunicamos e a forma como trabalhamos têm sido grandes mudanças nas relações entre pessoas, e mesmo entre pais e filhos.

Nesta metamorfose da educação, desde que a escola era vista como um ponto de encontro da comunidade, onde se trocavam ideias e aprendizagens, fomos caminhando para uma escola que se foi tornando cúmplice, na introdução das tecnologias da comunicação e da informação.

A evolução da tecnologia tem vindo a permitir um acesso cada vez mais fácil à comunicação, ao processamento de dados e de informações. E embora não queiramos falar disso, por ter sido um capítulo menos bom das nossas vidas, a pandemia demonstrou essa necessidade. Os jovens de hoje recebem muito mais informação por segundo, do que há vinte anos. “Tudo o que precisamos de aprender é universal, imediato e gratuitamente acessível” (Machado, 2023, p.12). Tudo é instantâneo e os estudantes sentem-se desorientados quando lhes pedimos para pensar, imaginar e criar. “Damos valor ao mercado do petróleo, dos carros, dos computadores, mas não percebemos que o mercado da inteligência [humana] está a falir” (Cury, 2004, p.65).

O passar do tempo não nos trouxe assim tantas vantagens. A tecnologia veio para o nosso bem e também para o nosso mal, todos temos a noção disso, que a vimos crescer e banalizar-se no quotidiano. Começando pelo bem, podemos encarar a tecnologia como apoio nas nossas tarefas, com a facilidade

e a rapidez de respostas. Tornou-nos mais próximos, mesmo em locais distantes. Deu-nos acesso ao mundo das informações. O mal, é quando a tecnologia é utilizada como auxílio no pensar e no criar, apagando da nossa memória o simples ato de imaginar.

Na escola, sinto que a minha formação, o meu dever vai muito além de ser apenas professor, embora que institucionalmente, o meu papel seja apenas esse. E por essa razão, os professores de hoje deparam-se com outro tipo de responsabilidades em relação aos professores do passado, assumindo novas responsabilidades. A minha sensação é de que, hoje, os estudantes são mais ansiosos, menos pacientes, mais carentes, requerem mais apoio e trazem consigo mais problemas, tanto familiares como de socialização. E a Escola, exige que sejamos mais humanos, assumamos vários papéis e tenhamos capacidade emocional para responder a tudo isso, além da responsabilidade de fazer o nosso trabalho.

A importância de ser professor, hoje, não está apenas em saber ensinar o que está nas aprendizagens essenciais. O currículo, centrado na sua prescrição do que é essencial os estudantes saberem, oferece à escola e aos professores a flexibilidade e autonomia necessárias para adaptá-lo aos diferentes contextos em que se aplicam. Não só adaptá-lo a nível curricular, mas nas suas práticas, mais adequadas e mais humanistas. “Nada substitui o bom professor” (Nóvoa, 2007, p2).

Mas então, o que é ser um bom Professor?

Por muito que me digam que a escola tem problemas e que os estudantes são o reflexo disso, não consigo pensar da mesma forma. Quando penso numa palavra para descrever a Escola, penso em “oportunidade”. Oportunidade para os estudantes, para os professores e para a sociedade. A escola está no centro da sociedade e os professores têm um papel fundamental no seu desenvolvimento.

A sociedade tem as suas lacunas, os seus problemas e é impossível fazer com que os estudantes não façam parte deles, a partir do momento em que entram na escola. Os estudantes não são “folhas em branco”, despojados de vivências ou, quantas vezes, carentes de atenção. Não são limpos de dilemas,

de questões, de uma vida sem sentido, como descreve Veiga-Neto (1996, p.163), cada estudante leva consigo uma narrativa única, um conjunto de vivências que o define e molda. Cada um com a sua individualidade, fruto de um percurso pessoal moldado por práticas discursivas e não discursivas incessantes. A singularidade é moldada pela infinidade de combinações entre essas práticas. São distintos não apenas pela biologia e contexto social, mas também pela sua história. A experiência humana é enriquecida por essa diversidade de perspectivas, que cria um conjunto de interpretações e entendimentos sobre a sociedade. Segundo Donald A. Schön (2014, p.3), antes de se ser um bom professor de matemática, de português ou de desenho, é preciso ser-se reflexivo, o que exige do professor uma capacidade de identificar as individualidades, o grau de compreensão e as dificuldades de cada estudante.

Assim, como os estudantes, os professores estão em constante aprendizagem, não só consigo e com a sua vida, mas também na forma como lidam e pensam em relação aos outros. Como afirma Ramos do Ó (2007, p.111), viver em sala de aula é viver em comunidade onde juntos aprendem e juntos chegam mais longe. Mais do que reproduzir uma verdade que vem nos manuais, os professores devem antes de tudo, saber olhar e ir ao encontro das necessidades dos estudantes, para elaborar o seu trabalho nessa prática em sala de aula. Que sejam atores sociais e facilitem a comunicação do estudante com o seu texto. Ramos do Ó (2016, p.217) leva-nos ainda refletir que reconhecer a melodia e a harmonia que surgem da união de instrumentos numa sinfonia é como afirmar que ensinar e aprender são processos independentes. Cada participante no processo de ensino e aprendizagem fornece informações, conceitos e perspectivas úteis, assim como cada instrumento contribui para a riqueza da composição musical. A prática reflexiva é como um vírus em constante mutação. “A parábola de um mundo dividido entre espíritos sábios e espíritos ignorantes, insista-se, apenas tem servido para negar a simetria de duas vontades, a possibilidade de um encontro feliz entre duas inteligências” (Ramos do Ó, 2016, p.217), pontos de vista e experiências, entre estudantes e professores, como base fundamental de todos os métodos de trabalho.

A Escola tem uma parte de estudantes considerados “da resistência” ou “problemáticos”, com interesses divergentes dos escolares, que precisam de ser

questionados sobre o que os incomoda na escola e na vida. Estas questões promovem uma Escola que desenvolva e produza as ferramentas necessárias para cativar esses estudantes e os contemple. Este assunto faz-me recordar o filme *Les Glaneurs et la Glaneuse (Os Respigadores e a Respigadora)* (2000), em que Agnès Varda faz um retrato sobre os respigadores, aqueles que apanham para não desperdiçar, que aproveitam a fruta que é deixada no chão, as sobras dos mercados e os restos de comida existentes nos caixotes do lixo para comer. Valorizam o que é esquecido, referindo que se pode encontrar comida de boa qualidade. Ao ver este filme, lembrei-me de um conceito muito próximo de “professor reflexivo” - o “professor respigador”. O que quero dizer com isto é que colher frutos de árvores cheias é fácil. O verdadeiro desafio está em apanhar a fruta que ficou para trás, garantindo que nada seja desperdiçado. Os professores devem ter a sensibilidade e a dedicação necessárias para fazer esse esforço. É fácil quando um professor tenta dar uma aula a estudantes que são intelectualmente adaptáveis a qualquer tipo de aprendizagem. Neles até pode estar o sucesso, mas não o desafio. Desafiante é fazer o esforço, entender e ajudar os que têm mais dificuldades, que não conseguem acompanhar com facilidade o ritmo para atingir o mesmo patamar de conhecimentos dos colegas. Da mesma forma que Vik Muniz, no documentário *Lixo extraordinário* (2010), juntou-se aos catadores de lixo, para transformar a vida deles, os professores não podem tentar transformar a vida dos estudantes? Talvez seja necessário que os professores reconheçam que têm o poder e a capacidade de “transformar a vida de um grupo de pessoas com o mesmo material com que lidam todos os dias” (Vik Muniz, 2010). “Noventa e nove não são cem” (Vik Muniz, 2010), e basta um por cento da atenção, do reconhecimento do professor para completar o estudante.

O que quero dizer neste texto, é que assumindo o papel de *intelectuais transformadores* (Giroux, 1997), os professores desafiam o *status quo*, questionando as estruturas de poder e as desigualdades sociais. Isto significa ir além da transmissão de informações e participar num processo de reflexão crítica sobre a realidade social, política e cultural. Os professores podem empoderar os estudantes a tornarem-se agentes de transformação social problematizando o conhecimento e promovendo a discussão plural. Podem

ajudar a criar cidadãos conscientes, comprometidos e preparados para construir uma sociedade mais justa e democrática através de uma pedagogia crítica e emancipadora (Giroux, 1997, p.5). Os professores não podem ser apenas um pilar na escola clássica, mas serem parte da estrutura da escola da vida (Cury, 2012, p.67).

E como pode a arte ser uma peça fundamental, uma ajuda na prática docente?

Em todo este processo de transformação não devemos, nem podemos deixar a Arte de parte. A linguagem provocativa e questionadora da arte serve como um convite irresistível para reflexões profundas sobre questões culturais, políticas, sociais e até mesmo existenciais. Isto porque hoje ou amanhã os estudantes vão ser confrontados com o que se passa no mundo. Muitas das questões marcantes da sociedade, são constantemente discutidas e retratadas na arte, são fruto do choque de mentalidades que existe. A arte leva-nos a discussões à volta do desconhecido permitindo ampliar as visões e opiniões dos estudantes. Temos todos pontos de vista diferentes de observar e compreender uma obra de arte. Ou seja, não existe o medo de dizer o que se pensa e isso, pode servir para que muitos estudantes consigam ter a confiança para intervir e opinar, tornando-os em seres críticos, capazes de se descobrirem e descobrirem o mundo com a sua própria percepção. Compreenderem que fazer diferente não é errado, mas sim uma expressão da liberdade de criação. Que para ser arte, não tem de ser bonito. Se estamos perante uma Escola que chega a todos, inclusiva e que se diz democrática, então todas as questões e problemas podem perfeitamente ser trazidos para a sala de aula por meio da arte, de forma a podermos debatê-los e deste modo, obter um maior número de pessoas ativas, interessadas, que aprendam a desenvolver uma opinião bem fundamentada, que sejam sensíveis ao mundo e saibam resolver os seus próprios problemas. Os professores como sujeitos reflexivos, vão andar constantemente em busca de respostas e provas para encontrarem a solução mágica para responder aos seus alunos. E, naturalmente, é necessário ter consciência e sensibilidade na forma de como aplicar a arte no ensino e de como a trabalhar nos diferentes ciclos de escolaridade.

Acredito que possa residir na arte o maior “valor” para o ensino. Espoletar nos estudantes o melhor de si - a curiosidade, a vontade, a interação, a aprendizagem e a inclusão.

Os professores têm e vão ter sempre um lugar fundamental. Não de superiores, nem de instrutores, mas de mediadores, facilitadores do processo de aprendizagem e orientadores de conhecimentos. “Já que se reconhece que ninguém aprende por nós, também se reconhece que ninguém aprende sozinho” (Cosme & Trindade, 2013), os professores sabem o que é essencial os estudantes aprenderem, tendo como missão de guiá-los, ajudá-los até alcançarem o seu objetivo. A Arte pode ser um apoio aos professores que queiram trazer para a aula temas do quotidiano para que os estudantes desenvolvam o sentido crítico e aprendam a viver em comunidade. A arte pode ser um auxílio para ajudar a compreender as questões e problemas existentes na sociedade. Podemos educar uma sociedade através da arte e deste modo, os estudantes aprendam a ser pessoas com capacidade suficiente para se tornarem autónomas e tenham a capacidade de encontrar, através de um processo ou pensamento criativo, as melhores soluções para os seus problemas. E para que isso seja possível, cabe aos professores não negligenciarem a potencialidade de cada indivíduo.

Uma lição não quer dizer imediatamente que tenha sido bem dada, apenas pelo facto de os estudantes alcançarem bons resultados. Uma vez que existe uma proporção de estudantes que se adaptam ao chamado “ensino tradicional”, não podemos ter uma escola que se preocupa apenas com o rendimento intelectual e com uma preparação para os exames, sem que seja acompanhada de aquisições mais sensíveis e humanas, numa tentativa de promover aos estudantes uma boa relação com a vida e com a sociedade a longo prazo. Eu não sei o que é ser “bom professor”, nem sei o que será para os estudantes, mas como futuro professor, penso e quero acreditar que será aquele que consegue reunir uma ligação humana entre todos e em cada um em particular, “procurando que estes por si próprios sejam capazes de investigar, de criar, de estruturar ideias e de estabelecer relações, interagindo com outras pessoas e consigo mesmo, para que se sucedam aprendizagens enquadradas com a sua personalidade.” (Moreira, 2012, p.102).

Uma árvore não cresce sem raízes que a sustentam. Pensar na importância de ser professor, é como pensar num plantador de árvores – é preciso cultivar e contribuir para a criação de raízes, para que consigam enfrentar as intempéries e produzirem frutos. Os professores são plantadores de estudantes, preparadores de pessoas e uma espécie de agricultores da sociedade. A Educação é a base de tudo. Está na base da cadeia do surgimento de todas as profissões. Não é provável termos bons médicos, engenheiros, ou artistas, sem que existam bons professores.

II – Enquadramento Social: A Região, a Cidade e a Escola

2.1 A Região

A história dos Açores, nestes seiscentos anos, é rica e variada, marcada pela descoberta, colonização, crescimento económico e social, além do seu papel estratégico no Atlântico. Os Açores foram descobertos por navegadores portugueses no início do século XV. Diogo de Silves foi o primeiro a explorar os Açores, encontrando as ilhas de Santa Maria e São Miguel em 1427, e em 1432 as restantes ilhas. A partir de 1439, foram chegando os primeiros povoadores, pessoas oriundas do Algarve, Alentejo e Minho. A economia das ilhas foi introduzida com técnicas agrícolas que os colonizadores traziam consigo.

A produção de trigo e a exportação de produtos agrícolas para Portugal e outras partes da Europa impulsionaram a economia dos Açores no século XVI. Devido à sua posição estratégica, estas ilhas eram uma das paragens essenciais nas rotas comerciais entre a Europa, África e Américas. O período da União Ibérica (1580–1640) colocou os Açores no centro dos conflitos atlânticos e isso fez com que fossem ainda mais importantes em termos militares e estratégicos.

Com a restauração da independência de Portugal em 1640, os Açores enfrentaram novos obstáculos para se proteger, sendo frequentemente alvo de corsários e piratas. No final do século XVII, a economia começou a recuperar e a produção de laranja de São Miguel tornou-se uma fonte significativa de receita, com as exportações sobretudo para o Reino Unido. O século XVIII foi marcado por uma prosperidade contínua, com a diversificação agrícola e um comércio florescente.

O início do século XIX trouxe mudanças políticas significativas com a implantação do liberalismo e a modernização das estruturas sociais e económicas dos Açores, no entanto, a segunda metade do século foi marcada por uma emigração significativa, motivada por crises económicas e desastres naturais, levando muitos habitantes dos Açores a procurar melhores condições de vida nas Américas.

Além da sua dimensão económica e estratégica, a história dos Açores é profundamente marcada pela insularidade, que moldou a identidade cultural e

social dos habitantes das ilhas. A insularidade influenciou significativamente a vida das pessoas dos Açores, criando uma sociedade resiliente, que se adaptou à constante necessidade de enfrentar os desafios impostos pela geografia e pelo clima do arquipélago. A sensação de isolamento, foi responsável pelo fortalecimento das relações comunitárias e de solidariedade entre as pessoas nos Açores. Esta união é visível nas festas populares e religiosas, como o *Espírito Santo*, que celebram a generosidade e a partilha, desempenhando um papel central na vida das ilhas. Uma região que teve de olhar para dentro de si e desenvolver a capacidade de gerar a sua própria economia de subsistência, onde a agricultura, a pesca e a pecuária se tornaram essenciais.

Outro termo que refere a identidade única dos açorianos, é a *açorianidade*. É um estado de espírito que é expresso na música, na literatura e nas artes açorianas, que refletem o mar e os vulcões, que na sua simbiose entre beleza e perigo, retratam a relação íntima e complexa entre os habitantes, a ilha e o oceano. Este estado de espírito, de identidade e comunidade é também fortalecido pela diáspora açoriana, resultado da emigração em busca de melhores condições de vida, transportando, preservando e difundindo a cultura açoriana por todo o mundo, reforçando a identidade cultural dos que ficaram e dos que partiram.

As pessoas dos Açores são culturalmente representativas na história nacional, com um património rico, oriundo de artistas, escritores e figuras políticas, dentro e fora das fronteiras insulares, que influenciaram o país e o mundo, da Europa ao Brasil, das Américas ao Oriente, através do culto e da emigração. A *universalidade açoriana* deve ser medida pela capacidade de se destacar além-fronteiras, assim como o amor pelas ilhas que se reflete na vontade constante de regressar. A compreensão mútua e a perspetiva externa são essenciais para superar uma visão traumática da açorianidade. Devemos promover uma açorianidade positiva, transformando os cidadãos da ilha em cidadãos do arquipélago, e estes, por sua vez, em cidadãos do país e do mundo. Apenas através dessa transformação ontológico-universal se pode emergir a ética necessária para conquistar o mundo moderno, promovendo o seu reconhecimento.

Os Açores precisam de infraestruturas modernas: portos, aeroportos, estradas, combustível mais acessível, bens de consumo, habitações resistentes a sismos, e a preservação do património cultural. É crucial apoiar a Universidade dos Açores e desenvolver modelos inovadores e específicos de desenvolvimento que aproveitem as singularidades das ilhas. No entanto, mais importante que essas necessidades materiais, os Açores precisam de pessoas com uma vasta, tolerante e inteligente compreensão do mundo. É essa compreensão que permitirá enfrentar as formidáveis desigualdades globais e valorizar as diferenças que fazem dos Açores um lugar único.

(Pires, 2013, p. 32)

Ultrapassar as dificuldades e valorizar as diferenças exige a necessidade, a consciência e força de pessoas inteligentes, tolerantes e trabalhadoras, que com seriedade e dedicação, sintam vontade de fazer parte da construção de um futuro promissor destas ilhas. A cultura, a resiliência e capacidade de inovação são os pilares necessários para que a região possa ter a oportunidade de crescer e se distinguir no país e no mundo, mantendo viva a identidade e a açorianidade que unem todas as pessoas dos Açores.

2.2 A Escola e a Cidade

Antes de fazer uma relação entre a Escola e a Cidade, quero realçar a importância de ter escolhido fazer o estágio na *Escola Secundária Antero de Quental*. Não foi a minha escola, mas foi a do meu pai; de grandes amigos e de grandes figuras da região e do país. Marcou-me por ter sido a primeira escola onde lecionei. A escola que me fez querer ser professor. Que me fez sentir bem, confortável, útil e desejado pelos meus colegas, que não me queriam deixar sair. Voltar foi muito bom.

É uma instituição de ensino com uma história rica e com uma presença significativa na cidade. É o mais antigo estabelecimento de ensino secundário

dos Açores. Inserida no antigo *Palácio da Fonte Bela*, de 1833, com presença do estilo neoclássico, foi residência do *Barão da Fonte Bela*, considerada, naquela altura, a pessoa mais rica dos Açores, por ser um grande exportador de fruta regional. Ainda hoje, podemos admirar os antigos salões nobres, que são atualmente utilizados como sala de professores e biblioteca, em que se contemplam os ornamentos pintados no teto, da autoria do pintor italiano Vicente Mallio.

Foi fundada em 1852, inicialmente como *Liceu de Ponta Delgada*, alterando o seu nome para *Escola Secundária Antero de Quental* em 1979, em homenagem a Antero de Quental, uma das figuras mais importantes da literatura, do pensamento português, e também um dos mais notáveis filhos dos Açores. Antero nasceu em Ponta Delgada, e a seleção do seu nome para o antigo liceu reflete o reconhecimento do seu contributo intelectual e literário, bem como o orgulho pela sua terra natal. Além de ser um dos maiores poetas do século XIX, Antero foi um pensador profundamente envolvido em questões sociais e políticas, defendendo a educação, o progresso e a reflexão crítica, valores que a escola procura perpetuar na formação dos seus estudantes.

Uma escola com vida, com arte nas suas formas mais variadas, seja nas paredes dos corredores, nos tetos das salas, ou as bandas de música e pequenas orquestras, compostas por estudantes, que tocam durante o intervalo grande, ou de concertos de piano na grandiosa biblioteca da escola, proporcionando a toda a comunidade escolar uma bagagem cultural mais rica.

Mas mais do que um mero local de ensino e aprendizagem, pela sua localização, a escola beneficia de uma área envolvente que pode enriquecer os seus estudantes, proporcionando-lhes oportunidades únicas de aprendizagem e desenvolvimento, por estar rodeada de museus e galerias, como o *Museu Carlos Machado*, o *Centro Municipal de Cultura*, o *Instituto Cultural de Ponta Delgada*, *Museu Militar*, *Centro Histórico e Documental da Autonomia* a tão conceituada *Galeria Fonseca Macedo* e a *Vaga – espaço de arte e conhecimento*, com programação cultural regular e pluridisciplinares. Também próximo da escola, podemos encontrar grandes espaços culturais como o *Coliseu* e o *Teatro Micaelense*, a *Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada*, assim como o *Jardim Botânico António Borges*, que oferecem uma vasta gama de

experiências enriquecedoras, com apresentações e espetáculos de teatro e música, a eventos literários e passeios educativos. Nas ruas do centro, podemos ver alguns ateliers de diferentes artistas, pintores e designers, que continuamente são visitados por turistas que visitam a ilha. Além de tudo isto, a Escola participa no *Plano Nacional das Artes*, em que realiza atividades educativas em colaboração com outros projetos culturais de escola. Todos os anos são realizados dois festivais na ilha de São Miguel: O *Walk&Talk*, que promove uma abordagem que visa estimular a criação artística contemporânea, nas artes visuais, performativas, arquitetura, design, cinema e música, em diálogo com o território e a comunidade local, através de exposições, performances, workshops e residências artísticas, com grande incidência no centro da cidade, mas também por toda a ilha. Além deste, realiza-se também o festival *Tremor*, que incide na música contemporânea e experimental, visando promover a criação musical e fomentar o diálogo intercultural através da troca de experiências entre artistas e o público, durante os concertos, performances, conversas e debates, um pouco por toda a ilha. Estes dois festivais integram a *Escola Secundária Antero de Quental* na sua organização, seja na utilização dos espaços da escola, como na projeção dos estudantes como futuros artistas, proporcionando-lhes um início de carreira, na divulgação e exposição dos seus primeiros trabalhos.

A dinâmica da *ESAQ*, instituição de referência histórica, que se destaca por oferecer um ensino de qualidade, num ambiente de aprendizagem positivo, e com forte envolvimento na comunidade, foi o mote para a minha escolha, superiormente vinculada pelos docentes de Artes Visuais da escola. A escola não se restringe à sala de aula. A escola é parte importante na vida dos estudantes, que aprendem, que se conhecem, descobrem e amadurecem. A escola é feita de gestão e de pessoas. A escola é muito mais do que aquilo que se vê.

Foi na *Antero* que senti a vontade de ser professor.

2.3 O Projeto Educativo da ESAQ

O *Projeto Educativo* (PE) de uma escola é o documento que estabelece a identidade, os objetivos e as diretrizes de uma instituição educacional, funcionando como um plano de ação para orientar todas as atividades pedagógicas, com a participação de toda a comunidade escolar.

A ESAQ, enquanto instituição, ergue-se como um farol do ensino nos Açores. Não só pela sua história e progressão ao longo do tempo, mas também por ter um papel fundamental em moldar as gerações de estudantes que possam ser responsáveis, críticos e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade em desenvolvimento.

Com uma população estudantil diversificada, que inclui estudantes de toda a ilha, de outras ilhas dos Açores e oriundos de outros países, a escola encara o desafio de equilibrar vivências rurais e urbanas, adotando estratégias pedagógicas que respondam às diversas necessidades da comunidade educativa. E para isso, definiu uma estratégia de promover a igualdade, a integração, a inclusão e a equidade, garantido que todos os estudantes tenham a oportunidade de aprender, independentemente das suas origens, necessidades e escolhas, oferecendo-lhes a capacidade de desenvolverem competências sociais e emocionais, essenciais para o sucesso na vida.

Além das atividades letivas, a escola valoriza a formação sociocultural e artística dos seus estudantes, através de parcerias estratégicas com entidades como a *Associação dos Antigos Alunos*, o *Museu Carlos Machado*, a *Biblioteca Pública de Ponta Delgada* e a *Câmara Municipal*, com destaque para o protocolo de celebrações anuais do *Dia Municipal de Antero*.

A escola desenvolve um projeto integrado no *Plano Nacional das Artes – Palácio da Ventura*, com objetivo central destacar a escola como um espaço de valorização cultural e artística, promovendo uma consciência histórica e uma sensibilidade estética fundamentais para um pensamento crítico e inovador. Através do estudo, da preservação e da descoberta do património existente no *Palácio da Fonte Bela*, com enfoque ao espólio acumulado pelos *Gracianos*, incluindo as doações privadas, o *Museu da Física* e de *História Natural*, fomenta-

se a criação de um vínculo cultural entre o passado e o presente, permitindo que o espaço escolar se torne um agente ativo na formação de um olhar atento e orientado para o futuro.

Mais do que uma escola, que procura modernizar-se na melhoria das infraestruturas e equipamentos, a *ESAQ* é uma comunidade, que tem formado personalidades que se distinguem nos mais variados domínios da vida política, económica e social, no desporto e nas artes, em Portugal e no estrangeiro.

É uma honra para a escola que tem como patrono o grande filósofo e poeta Antero de Quental, distinguir entre os seus antigos estudantes, pessoas que atingiram patamares superiores no domínio da política, das ciências, do jornalismo, e/ou das artes. Como exemplos os nomes de Teófilo de Braga - Presidente da República; Linhares Furtado na medicina; Mário Bettencourt Resendes e Mário Mesquita no jornalismo; na música Gabriela Canavilhas; e nas artes, entre muitos outros, o escultor Álvaro França, e os artistas plásticos, Tomaz Borba Vieira e Carlos Carreiro.

É uma escola com tradição e cultiva uma profunda preocupação com o desenvolvimento de uma sociedade mais coesa, inovadora e empreendedora. Na *ESAQ* os estudantes são incentivados a explorar os seus talentos, a desenvolver as suas habilidades e a construir o seu futuro.

2.4 As Turmas envolvidas na Prática Pedagógica

Durante os primeiros meses de estágio, acompanhei o trabalho da *Professora Cooperante* (PC), professora Leonor Couto, nas suas aulas. Nesses meses, tive também a oportunidade de conhecer os restantes professores de *Artes Visuais* da *ESAQ*, que me acolheram generosamente e permitiram-me assistir às suas aulas, para observar o modo como estruturavam e dinamizavam os programas das disciplinas que tinham a seu cargo. A PC era responsável pelas aulas de *Oficina de Artes* e *Oficina do Design*, com duas turmas do 12.º ano, e *Educação Visual* com uma turma do 8.º ano. Ao longo desta primeira fase fui visualizando e pensando numa proposta para desenvolver numa destas disciplinas. Além disso, fui criando empatia com as turmas. O facto de passar

mais tempo com as turmas do 12.º ano permitiu-me desenvolver maior interação com estes estudantes e ter oportunidade de intervir nos momentos de debate propostos pela PC.

No que concerne a esta experiência de intervenção com as duas turmas, a PC sugeriu que elaborasse uma proposta através da identificação de um problema e que me permitisse analisá-lo e desenvolvesse estratégias para que os estudantes encontrassem soluções, na disciplina de Oficina de Artes. Aceitei bem o desafio por se tratar de duas turmas bastante diferentes e por poder fazer uma comparação entre os resultados obtidos. Até aqui, a minha proposta ainda não estava idealizada, estudada nem desenvolvida. As duas turmas envolvidas no meu estudo, 12.º 1 e 12.º 2, eram diferentes, não só pela experiência artística dos estudantes, mas também pela perspetiva que tinham da disciplina.

Logo no início do estágio, desde que comecei a integrar as aulas das duas turmas, foi importante saber junto da PC de que forma deveria tratar cada estudante, e assim encontrar um ambiente inclusivo e de grande respeitabilidade. Nestas turmas alguns estudantes não se identificavam com o nome que tinham na folha de registo.

A turma 1 era composta por estudantes com algumas dúvidas em relação ao seu futuro e que curso deveriam seguir. Alguns escolheram Artes Visuais por acharem que seria um caminho mais “fácil” para concluir o ensino secundário. Eram interessados, mas com pouco conhecimento a nível artístico e pouco frequentadores de espaços culturais. No início do ano, grande parte destes estudantes, independentemente do seu interesse nas aulas, nem sempre respondia aos trabalhos pedidos pela PC. Com a introdução de trabalhos mais práticos e aulas experimentais, a turma aplicou-se mais, embora as apresentações dos trabalhos fossem pouco cuidadas e muito básicas para o seu grau académico. Uma turma despreocupada, mas com um nível de respeito bastante acentuado na relação estudante/professores.

A turma 2 era composta por estudantes, que diria eu, “respiravam” arte. Estudantes mais preparados na realização dos trabalhos, dedicados e irreverentes. Frequentadores de espaços culturais e com um espírito crítico bastante apurado. Uma turma extremamente interessada e atenta. Participativa,

quando necessário, mas em que o silêncio e a concentração predominavam nas aulas, perante o discurso explicativo da PC. A pesquisa e construção de soluções era muito mais evidente nesta turma. Por vezes sentia-me mais estudante do que professor, por serem dotados de um grau de conhecimento artístico bastante apurado.

O facto de sentir que a turma 1 apresentava algumas lacunas e necessidade de orientação, o desafio ser maior, dava-me espaço e conforto para poder desenvolver uma proposta mais sólida. Por outro lado, teria de ser uma proposta que envolvesse as duas turmas, para que fosse possível suscitar uma comparação sobre o desempenho durante a realização do trabalho.

As relações de empatia que criei foram bastante diferentes no início. A turma 1, pelas suas características e pela necessidade de maior orientação, permitia-me estar mais à vontade para dar a minha opinião e a minha crítica era aceite, tanto nos trabalhos que realizavam, como nas intervenções dos debates realizados pela PC. Já na turma 2, sendo composta por alguns estudantes mais tímidos e de opinião formada, senti mais dificuldade em criar laços de empatia, como se existisse uma barreira entre nós.

Numa das aulas da PC, com a turma 1, foi desenvolvido um debate, em que a turma lançou algumas questões relacionadas com a perspetiva de futuro, com a possibilidade de trabalho na área das Artes e se ficariam na ilha ou se iriam para fora. Dentro do silêncio, em que me mantive nessa aula, senti que tinha encontrado a peça que faltava para criar a minha proposta didática. Uma proposta que os fizesse descobrir as suas próprias conclusões.

A nossa condição de ilhéus, confinados entre a terra e o mar, cria-nos uma ânsia de sair da ilha e descobrir outros mundos.

(Carreiro, 2021 p. 11)

III – A Prática Pedagógica

3.1 Estudantes como barcos à deriva no mar

O maior desafio durante o meu estágio pedagógico foi o de criar uma proposta que estivesse em conformidade com conteúdos do programa da disciplina e, simultaneamente, fosse uma resposta a uma necessidade específica destes estudantes. Para isso, foi essencial sentir-me à vontade com ambas as turmas que acompanhava. À medida que as aulas avançavam, era importante identificar uma preocupação ou dúvida comum a ambas as turmas. Para auxiliar no desenvolvimento de um trabalho de reflexão tornou-se necessário identificar um problema central. Cheguei a recear que ao longo das aulas assistidas tal tarefa fosse difícil de concretizar. O tempo foi passando e surgiu a necessidade de adiar o início da minha prática pedagógica, para poder concluir a proposta didática e ajustá-la ao plano de aulas da PC.

No final de todos os projetos, a PC orientava um debate em que se fazia a discussão dos diferentes trabalhos, resultados e as conclusões, que surgiam ao longo do processo de metodologia projetual. Participei em vários desses debates, onde pude intervir e fazer uma crítica aos projetos, o que me ajudou a desenvolver empatia com os estudantes.

Numa das aulas de debate, a turma 1 lançou algumas dúvidas em relação ao futuro, envolvendo questões sobre o que iriam fazer no ano seguinte, se iriam ficar na ilha ou se iriam estudar para o continente. A discussão foi longa e a maioria destes estudantes partilhava da mesma opinião – de que a ilha era um limite físico para as suas criações ou sentiam que viviam dentro de uma muralha que os impedia de chegar ao resto do mundo.

Embora tenha ido muito cedo estudar para o Porto, o debate causou-me uma dicotomia de posições - no lugar de observador, enquanto professor-estagiário, como no lugar de aluno ao relembrar o tempo em que ainda era estudante na ilha de São Miguel. A experiência e proximidade com o tema, permitiu-me desenvolver a minha proposta didática e fornecer uma orientação às turmas. Era importante que os estudantes conseguissem esclarecer algumas das suas dúvidas, e pudessem assim tomar as suas decisões com mais confiança.

3.2 Como surge a Proposta Didática

A ideia para elaborar esta proposta didática surgiu num dos debates realizados, nas aulas de *Oficina de Artes* a que assisti, após a apresentação de trabalhos realizados pelos estudantes. Sendo uma das turmas do 12.º ano, a PC questionou-os, se iriam estudar *fora da ilha* ou não. Sendo um debate, a pergunta gerou uma série de novas questões e respostas. Estávamos a meio do ano e a maioria ainda não tinha decidido o que iria fazer posteriormente. No entanto, esta maioria pensava em seguir os seus estudos fora da região, afirmando que dificilmente regressaria para trabalhar e viver. Ao assistir a esta discussão, senti-me um observador com uma visão quântica de duas dimensões. Por um lado, compreendi por já ter pensado da mesma forma; por outro, tenho pena por sentirem que aqui não “há lugar”, não há vida, nem crescimento. Decidi não intervir na opinião dos estudantes. Este tipo de dúvidas e conclusões faz parte do pensamento e das características dos estudantes açorianos. Um pensamento que se traduz pela vontade de sair das “amarras” da ilha e partir à descoberta. A descoberta de si e do mundo, da experiência, da exposição, da afirmação e do contacto com o exterior. Sair da ilha é importante. É criar um encontro com novos horizontes, pessoas e espaços. É também um autoconhecimento. É aprender a valorizar.

Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela

(Daniel de Sá, 2017)

Este debate foi o ponto chave de todas as aulas a que assisti. Como professor, procurei combinar o conteúdo curricular com a minha experiência, de forma a 'humanizar' a prática pedagógica, numa empatia entre a experiência, o conhecimento e a transmissão de aprendizagens. Sem atribuir esse sentido humano à prática pedagógica, esvaziava o papel nobre de professor.

Segundo o filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey, no seu livro *Experiência e Educação*, “a ideia fundamental da filosofia da educação mais nova e que lhe dá unidade, é a de haver relação íntima e necessária entre os processos da nossa experiência real e a educação” (1952, p.8). Uma relação

entre experiências: do professor e dos estudantes. O problema não se refere à falta de experiência dos estudantes, mas ao caráter que elas constituem. Pode um processo ser gerado apenas pelo conhecimento com base em más experiências? Tudo depende da *qualidade* da experiência que passamos, podendo ser agradável ou desagradável (Dewey, 1952, p.16). Não é importante fornecer aos estudantes apenas o conhecimento de experiências agradáveis, mas que sejam discutidos vários tipos de experiências para que possam agir com base no saber, em situações futuras.

É importante que reconheçam que ir para fora é bom, mas melhor será, partirem com a consciência de que, no futuro, poderão desencadear outras dúvidas, reações e emoções, também muito comuns nos estudantes açorianos.

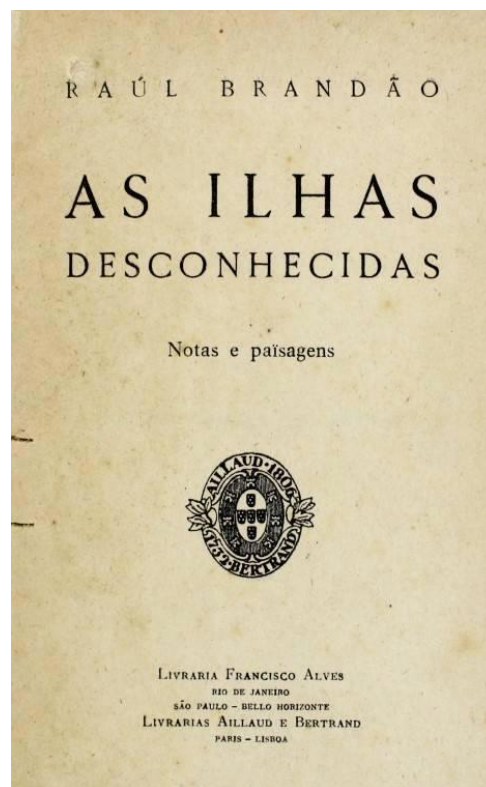
Após uma análise ao programa da disciplina, foi-me disponibilizado pela PC a lecionação dos conteúdos relacionados com Gravura. Assim, estruturei uma proposta condensada entre o sentimento “de partir” e “sair da ilha”, aliando-a às diferentes técnicas de Gravura.

Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. Apenas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. Tinha ouvido a um oficial de marinha que a paisagem do arquipélago valia a do Japão. E talvez valha... Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos! [...]

(Brandão, 1988, p.29)

3.2.1 Na proposta didática, começo com Brandão

Sair da ilha envolve uma descoberta pela saudade, pela recordação e muitas vezes pela verdadeira inspiração da sua própria arte. Aprendemos a valorizar os lugares quando estamos distantes. Estar fora ensina-nos a reconhecer e a dar valor às nossas origens. Só alguém que não nasceu nos Açores e visitou estas ilhas, poderia traduzir o modo de viver, sentir e descrever o lugar onde reside um povo isolado do mundo por quase quinhentos anos, naquela que é considerada uma das maiores obras de viagens da literatura portuguesa de todos os tempos – *As Ilhas Desconhecidas*.



Cem anos após a sua visita aos Açores, começo a proposta com Raúl Brandão.

Integrado numa comitiva de convidados intelectuais para promover a divulgação turística dos Açores e da Madeira, a convite dos autonomistas, o portuense Raúl Brandão viajou acompanhado pelo poeta açoriano Vitorino Nemésio, que residindo em Lisboa, serviu como seu anfitrião.

Embora houvesse Vapor quinzenalmente, os Açores continuavam desconhecidos, na sua insularidade esquecida, sempre em considerável desvantagem em relação à Madeira, que já era um ponto turístico consagrado. Embora mais isolados no Atlântico, os Açores enriqueciam por uma pulsação urbana e cultural, pelas convergências dos cabos submarinos e do movimento portuário das indústrias de Ponta Delgada. Porém, literariamente, os Açores ainda não tinham produzido uma obra que os marcasse e os tornasse conhecidos na vida cultural do Continente. (Pires, 1988, p.12) Sempre foram vistos numa perspetiva periférica.

“Raúl Brandão era um emotivo que extraía ternura de uma pedra ou de uma árvore, e o mar era um constante desvendar, uma redescoberta quando a ilha vai adquirindo contornos enquanto nos aproximamos” (Pires, 1988, p.14). “O que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente” (Brandão, 1988, p.93).

Uma obra da categoria literária de *Notas de Viagem*, com as melhores páginas do impressionismo literário português, a percepção visual do momento de quem queria ser pintor. A descrição das cores, das sombras, da luz, tudo ao detalhe. A leitura das obras de Brandão leva-nos a criar imagens mentais ou narrativas visuais. Os vários verdes, a luz marcada na Montanha do Pico - “sobre a pedraria escorre o cinzento das nuvens” (Brandão, 1988, p.100) e “É aqui que a luz dos Açores atinge talvez a perfeição. Nada que a distraia – só o mesmo tom no vasto quadro feito com a mesma cor, variada até ao infinito em *nuances* delicadas” (Brandão, 1988, p.100) ou na sua chegada a Ponta Delgada – “Nesta paisagem verde e calma, com um céu de mata-borrão por cima, prende-me os olhos aquele monte violeta com a Lagoa na base...” (Brandão, 1988, p.125) , são algumas das descrições que fazem desta obra, fundamental para a percepção da condição de ilha e dos seus habitantes, na relação insular com o país e com o mundo.

3.3 A Planificação

Esta proposta foi criada para responder a um conjunto de dúvidas dos estudantes. Embora fossem questões comuns na vida das pessoas dos Açores, foi necessário elaborar uma planificação mais detalhada e complexa.

Para isso, decidi dividi-la nos seguintes procedimentos:

1. Apresentação da Proposta de Trabalho.
2. Debate e lançamento de questões à turma e desenvolvimento de um brainstorming sobre *Voltar aos Açores depois da formação no exterior*.
3. Escolha de um excerto da obra *As Ilhas Desconhecidas*, de Raúl Brandão.
4. Interpretação do excerto, criando uma narrativa visual (elaboração de estudos).

5. Elaboração da narrativa visual em gravura numa das técnicas de linogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia.
6. Apresentação à turma.
7. Trabalho de pesquisa de um artista dos Açores (que seja residente), questionando sobre *quais razões do seu regresso à região, após a sua formação no exterior* e de como podem viver nos Açores sendo artista.
8. Apresentação à turma e debate sobre as opiniões dos artistas residentes e das reflexões sobre os trabalhos desenvolvidos em gravura.
9. Preparação de exposição.

Para a realização deste trabalho, os estudantes precisaram de utilizar materiais e instrumentos, como goivas, placas de MDF ou de linóleo, chapa de cobre, xilol, verniz, tintas acrílicas, líquido cianótico, álcool, sal, vinagre e pilha de 9v. Consegui adquirir para a escola a maioria destes materiais.

Esta proposta foi dividida em cinco semanas, distribuídas pelas seguintes fases:

Semana 1, de 27 de fevereiro a 3 de março

1. Apresentação da Proposta de Trabalho à turma e explicação sobre o exercício a realizar em gravura como interpretação de um excerto da obra *As Ilhas Desconhecidas* de Raúl Brandão.
2. Escolha de um excerto da obra de Raúl Brandão.
3. Visita de Estudo ao Museu Carlos Machado com o artista plástico Urbano Resendes.

Semana 2, de 6 a 10 de março

4. Apresentação à turma: O que é a gravura?
5. Explicação das técnicas de gravura: linogravura e xilogravura.
6. Impressão de gravuras em xilogravura e linogravura.
7. Explicação das técnicas de gravura: cianotipia e electrogravura.

Semana 3, de 13 a 17 de março

8. Execução de cianotipias.
9. Debate e lançamento de questões à turma e desenvolvimento de um brainstorming sobre *Voltar aos Açores depois da formação no exterior*.

Semana 4, de 20 a 24 de março

10. Elaboração da narrativa visual.
11. Aulas de acompanhamento e orientação do projeto.
12. Trabalho de pesquisa (em grupo) sobre um artista dos Açores, questionando sobre as razões do seu regresso à região, após a sua formação no exterior e se era possível viver da arte nos Açores.

Semana 5, de 27 a 31 de março

13. Apresentação dos trabalhos de pesquisa à turma e debate sobre as opiniões dos diferentes artistas dos Açores.
14. Autoavaliação.
15. Preparação de exposição (início do 3.º período).

Os estudantes podiam utilizar diferentes formas de expressão visual, construídas por si - expressão gráfica, fotografia digital e/ou analógica. Contudo, podiam também recorrer a outros modos de expressão que se enquadrassem no trabalho, como o desenho e a pintura.

A maioria destes estudantes nunca tinha saído da ilha por tempo suficiente para sentirem saudade, valorizarem e reconhecerem a sua importância. Para levá-los a refletir sobre esta perspetiva, dividi esta proposta em dois momentos, que embora distintos, formam uma relação importante para o debate e reflexão final.

No primeiro momento propus aos estudantes que lessem a obra *As Ilhas Desconhecidas*, de Raúl Brandão. Após a leitura, os estudantes tinham de selecionar um pequeno excerto para elaborarem um desenho, uma imagem digital, uma memória visual, através da sensação e compreensão que o texto transmitia. Ao concluírem a elaboração de alguns estudos e desenhos, os

estudantes tinham de elaborar a memória visual em gravura, utilizando uma das técnicas: linogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia. Após a conclusão do projeto, seria feita uma pequena exposição, com todos os trabalhos desenvolvidos pelos estudantes, à comunidade escolar.

No segundo momento desta proposta, introduzi uma abordagem com base na experiência. Pedi aos estudantes que realizassem uma pesquisa e reflexão, entrando em contacto ou visitando um artista local. O objetivo era simples: conversar e compreender a razão pela qual o artista escolheu regressar à sua região após estudar fora. Essa troca de ideias permitiria uma visão mais íntima e pessoal das suas escolhas e trajetórias. Este trabalho seria elaborado com a seguinte estrutura:

1. Pequena biografia sobre o artista;
2. Três questões importantes para serem apresentadas à turma e serem discutidas em debate:
 - Por que regressou aos Açores?
 - É uma fatalidade viver nos Açores trabalhando em Artes?
 - Como podemos vingar na Arte, vivendo nos Açores?

Estes dois momentos da proposta foram planeados em conformidade com a PC, tendo o objetivo de proporcionar, por um lado, uma reflexão individual sobre o percurso de cada estudante em relação à ilha e à sua importância. Por outro lado, a proposta também incluiu a perspectiva de quem já viveu a experiência de partir e regressar. Há, assim, um paralelismo intencional entre o “antes” e o “depois”, permitindo uma análise profunda das vivências e das escolhas.

Esta proposta também vem refletir sobre a importância que atribui ao papel do professor. Coloco-me, aqui, numa posição de orientador, que pretende que os estudantes façam o seu percurso mais convictos e seguros das decisões que poderão vir a tomar. Um professor orientador, na sua neutralidade, que guia os estudantes sem impor as suas próprias preferências, promovendo um ambiente de autonomia e reflexão crítica, respeitando as perspectivas individuais, incentivando-os a explorar diferentes caminhos e soluções para o futuro. Um professor que apoia o desenvolvimento dos estudantes, fornecendo-lhes ferramentas necessárias para tomarem as suas decisões.

3.4 Urbano - uma aula com o Adamastor¹

*“Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;”*

(Camões, 1572, ed. 2000)

No canto V da epopeia da literatura portuguesa *Os Lusíadas*, reina uma tempestade cercada pela dor do mostrengo Adamastor, que os portugueses, navegadores do mundo, enfrentaram, demonstrando a bravura e capacidade de ultrapassar os mares mais difíceis de navegar, na passagem sobre o Cabo das Tormentas.

Podemos sempre aprender lições com as grandes obras e feitos do passado, fazendo deles memórias intemporais, que nos possibilitam criar analogias com a nossa vida, seja em que momento for.

A relação das pessoas dos Açores com o mar é intrínseca e ao longo do nosso desenvolvimento pessoal, vamos alterando a forma como nos relacionamos e respeitamos a sua imensidão.

Para iniciar as aulas da minha prática pedagógica, convidei o artista açoriano Urbano,



Artista Urbano enquanto apresentava e explicava cada detalhe das suas gravuras aos estudantes.

mestre da pintura e da gravura. Ninguém melhor do que ele para nos falar do mar e da forma como este o influencia no seu processo criativo. Uma aula em frente a uma das suas obras expostas, em pedra gravada (*Animalia, Vegetalia, Mineralia*, 265 x 307 cm), no Núcleo de Santo André, do Museu Carlos Machado em Ponta Delgada, que retrata o início da criação e do mundo. Perante as duas turmas, o artista abriu um grande livro, em couro, com gravuras em papel e falou sobre a sua vida artística. Um artista não se faz só da obra, mas a obra é feita de reflexos da vida do artista. Medos, conquistas e dor. A dor de partir, de estar

¹ Tendo a consciência de todas as questões de escravidão e sofrimento que estão associadas aos Descobrimentos Portugueses.

longe e da necessidade de voltar, tal como afirma que “a vida é uma passagem breve e, para não me perder neste mundo cada vez mais caótico, procuro a sua essência regressando sempre ao princípio” (Urbano, 2023, p.25).

Na minha opinião, o Urbano é o maior artista açoriano da atualidade. Com uma aparência grandiosa, e a característica muito própria, a sua barba grande e revolta, que lembra o Adamastor, sempre que o vejo.

O Urbano é um artista da insularidade, pois como diz “é na água que tudo começa” (Urbano, 2024, p. 14). Para ele, criar uma obra é como mergulhar e nadar em mar aberto. Sem limites nem fronteiras. Podemos seguir em qualquer direção, definir um rumo ou mudar de sentido. É entrar num espaço imenso em que se experimenta até ficarmos imersos no caos, sem ignorar a ansiedade e a dúvida desgastante, mas nos consagra uma energia interior imensa, mostrando que, com persistência, é possível chegarmos a bom porto. (Urbano, 2024, p.16).



Artista Urbano enquanto apresentava e explicava cada detalhe das suas gravuras aos estudantes.

É aqui o início do ponto de viragem. O ponto em que estudantes “navegadores” em busca do caminho “marítimo” para o futuro, encontram o Adamastor, que demonstrou a necessidade de serem corajosos, saberem enfrentar as adversidades que encontram pela frente e que todas as “tormentas” sejam motivos reatores para a criação de “esperanças”.

[...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa.

(Saramago, 1999 p. 27-28)

3.5 As Aulas - relação, aprendizagem e orientação

Numa perspectiva geral do Mestrado, entrei nesta fase, como a mais desafiante. O estudante universitário é colocado no lugar de professor-estagiário, num passo entre a universidade e a sala de aula onde fiz o estágio. Deixo de assistir, para pôr a minha proposta em prática, com base no estudo de uma série de premissas que me fizeram ter consciência e preparação para lecionar.

Todos os ciclos escolares são diferentes. As práticas são diferentes e a forma como as aulas decorrem, dependem sempre do interesse e empenho dos estudantes. Ao longo dos ciclos, a sua autonomia e exigência vai crescendo, fazendo parte daquilo que chamamos “a aprendizagem”.

Os professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário enfrentam maiores exigências tanto no campo do conhecimento quanto na orientação pedagógica, devido à complexidade e maturidade dos alunos que se formam como indivíduos críticos e com alguma experiência académica. Ter feito a minha prática pedagógica com duas turmas do 12.º ano, foi como sentir o grau mais elevado das exigências. Por vezes senti-me uma espécie de aluno, além de ser professor. Neste nível de escolaridade os estudantes já têm mais ou menos uma ideia do que querem seguir e, neste sentido, já trazem consigo uma bagagem de experiências e conhecimentos, atribuindo sobretudo ao professor um papel orientador mais do que o mero transmissor de aprendizagens. Esta é a ideia que reflete a “importância de ser professor”.

A proposta didática, como mencionei anteriormente, surgiu a partir de um problema gerado por algumas dúvidas dos estudantes. Um problema bastante comum nos estudantes dos Açores e retratado por diferentes artistas da região nas suas obras. No meu tempo de escola, também fui confrontado com o mesmo tipo de dúvidas, entre o sentimento de partir e de regressar, e desta minha experiência, fui orientando e questionando os estudantes ao longo das aulas, sem constituir uma limitação à liberdade individual de pensamento, como se estivesse a indicar-lhes um único caminho ou por imposição. A minha intenção era que, ao longo das aulas, fôssemos descobrindo e debatendo a existência de

diferentes possibilidades de encararem o seu percurso enquanto alunos e futuros artistas, sem caírem na triste constatação de se recusarem a voltar.

O meu horário consistia em duas aulas de noventa minutos semanais com cada turma.

Sendo uma proposta para ser aplicada a duas turmas, com diferentes características, estava curioso para perceber que tipo de relação e resultados iriam surgir com cada uma. Na turma 1, os estudantes mostraram-se calmos e reagiram positivamente à minha apresentação. No início da aula senti que poderiam não estar a gostar, mas foi apenas impressão minha. Em relação à turma 2, senti que estaria a colocar-me um pouco à prova por já terem um forte contacto com arte e serem estudantes bastante assíduos a exposições e “workshops” realizados pela *Vaga – espaço de arte e conhecimento*. Eram estudantes já com algum poder crítico e ideias formadas. No início senti-me um pouco intimidado, mas o facto de ter levado para o campo de trabalho e de discussão um tema e técnicas com que nunca tinham lidado, deixou-me bastante à vontade, criando uma relação mais forte com os estudantes, que não tinha tido durante as aulas assistidas. Sempre foi um objetivo meu derrubar qualquer barreira existente entre mim e cada um dos estudantes, para que estes pudessem desenvolver da melhor forma as suas aprendizagens.

No primeiro tempo desta primeira aula, comecei por apresentar às turmas o projeto, a calendarização e a organização de cada atividade. A proposta estava dividida em duas partes. Alguns elementos (ou momentos) planificados (como a realização de debates) não foram falados com as turmas para provocar um efeito surpresa. A intenção era que não houvesse nenhuma tentativa de preparação para estes momentos, sendo que envolviam a crítica e troca de ideias. Assim que a proposta foi apresentada, pedi aos estudantes para irem escolhendo os excertos retirados da obra literária *As Ilhas Desconhecidas*, de Raúl Brandão, para desenvolverem narrativas visuais. Era importante irem criando alguns esboços e estudos em papel ou nos diários gráficos, que acompanhavam sempre os estudantes. Estas narrativas deviam ser elaboradas numa das técnicas de xilogravura, linogravura, eletrogravura ou em cianotipia, que faziam parte do programa da disciplina de *Oficina de Artes*. A primeira parte da proposta didática tinha como objetivo levar os estudantes a explorar a sua criatividade,

sensibilidade e sentimento de ilha, elaborando uma imagem baseada na reflexão sobre a ilha, feita por Raúl Brandão, um não açoriano, que pisou a mesma terra pela primeira vez e a descreveu. Trazer o ponto de vista de como os outros nos veem e saber se corresponde à mesma perspetiva de quem vive no arquipélago. Como diz John Berger, no seu livro *Modos de Ver*, “uma imagem é a reprodução de uma visão que foi subtraída de um momento num determinado lugar pela primeira vez e foi preservada” (1972, p.14). Neste caso, Raúl Brandão criou a sua obra literária, precisamente, através do conjunto das suas manifestações impressionistas de cada lugar que visitava. No entanto, no nosso olhar incide a relação que mantemos com as coisas e com o meio ambiente que nos envolve (Berger, 1972, p.14). Restava-me saber, através da leitura dos excertos, que imagens poderiam surgir dos estudantes, por haver uma relação entre diferentes modos de ver – A forma de ver de quem visita os Açores e a forma de ver de quem vive nos Açores – Uma descoberta pelas origens.

A descoberta das origens permite um processo de identificação e projeção desse conhecimento na construção de simulacros que conferem ao individuo forma de representar comportamentos alterocêntricos positivos ou negativos, marcantes na forma de uma personalidade desenvolvida desde a mais tenra idade [...].

(Melo, 2024, p.146)

Após ter elaborado a planificação, na prática, a gestão do tempo foi ligeiramente diferente desta, para evitar quebras no rendimento das turmas. Inicialmente, estava destinado concentrar a apresentação de todas as técnicas numa só aula, o que iria desperdiçar bastante tempo e gerar alguma confusão na gestão do espaço, uma vez que pretendia que os estudantes pudessem ter momentos de experiência com cada técnica. Naturalmente que numa sala de aula, não iria conseguir gerir a experiência de alguns estudantes a utilizar uma prensa de gravura e outros a necessitar de uma sala com pouca luz para cianotipia. Portanto, a calendarização teria que ser ajustada por forma a que os estudantes pudessem desenvolver, individualmente, cada uma das técnicas.

No segundo tempo da primeira aula e na aula dois, optei por apresentar e desenvolver experiências sobre as técnicas de xilogravura e linogravura. Duas técnicas de gravura simples, em que podíamos recorrer a materiais e ferramentas que tínhamos dentro da sala de aula de Oficina de Artes. Toda a logística era mais prática, num momento em que também era necessário perceber que tipo de comportamento a turma iria ter durante uma aula prática. A aula em que introduzi estas duas técnicas foi bastante interessante, pois senti que as turmas estavam muito descontraídas e empenhadas. Nunca tive a intenção de ter uma relação autoritária, pois não faz parte da minha forma de ser. Sempre vi a sala de aula como um espaço de troca de conhecimento. Alguns dos estudantes destas turmas adquiriram quase de imediato algum domínio relacionado com estas técnicas, tanto na utilização e controle das goivas para a gravura na madeira, como na utilização da prensa para fazerem as impressões das gravuras no papel. Notei um grande interesse dos estudantes em



Estudantes enquanto experimentavam a técnica de xilogravura.

experimentarem ambas as técnicas de gravura (xilogravura e linogravura). Embora sentissem que o suporte de borracha seria mais fácil para controlar o corte, foi o linóleo que os cativou mais, por conseguirem criar linhas mais rigorosas e uma impressão mais definida no papel. Em relação à madeira, sentiram que era mais difícil de gravar e as linhas não ficavam suficientemente definidas, devido à sua densidade. Apercebi-me aí de que já tínhamos uma série de gravuras com misturas de cores em folhas impressas com paisagens e autorretratos, como se se tratasse de uma recordação de final de curso. Saí destas aulas enriquecido.

Apresentadas as duas primeiras técnicas, as aulas três e quatro, foram feitas na câmara escura existente ao lado da sala de aula, para conseguirmos obter bons resultados nas cianotipias e não afetar os químicos que as compõem. Notei que nenhum dos estudantes trazia qualquer tipo de conhecimento sobre esta técnica, o que exigiu de mim maior responsabilidade para não falhar. Para estas aulas, a escola detinha todo o material necessário para realizarmos as experiências. Foram utilizadas algumas folhas de árvore e também sugeri que imprimissem fotografias em folha de acetato ou desenhassem com marcador permanente no mesmo tipo de folha. O decorrer da aula parecia uma roda-viva. Os estudantes obtiveram os primeiros resultados das experiências e ficaram com vontade de fazer novas cianotipias.

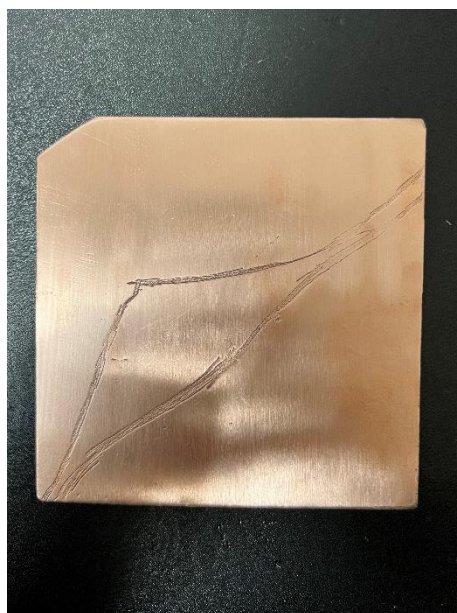


Experiências de cianotipia dos estudantes

Foi uma aula com excelentes resultados. Não sei se pela facilidade, ou se pela percepção quase fotográfica que a cianotipia nos proporciona, mas foi a técnica que os estudantes mais gostaram e a maior parte elegeu para elaborar a sua narrativa visual. A aula correu muito bem e os estudantes colaboraram bastante, mantendo um ambiente descontraído.

Antes de avançarmos para a criação das narrativas visuais, faltava-me ainda apresentar mais uma técnica de gravura – a eletrogravura. Esta técnica, que levei para as aulas cinco e seis, não fazia parte dos conteúdos existentes no programa. Apenas decidi acrescentá-la e apresentá-la às turmas, por ser uma

técnica utilizada na minha área: a joalharia. Uma técnica de gravura em chapa de metal, que se faz através de um processo de *eletrólise*, uma reação química que ocorre por *oxirredução*, utilizando uma bateria e água salgada. Como considero que a arte e a ciência são a base de toda a criação, nesta aula fiz uma relação entre a química e a arte como possibilidade de criar uma chapa de gravura. Uma técnica que aprendi em tempos, quando estudei na Escócia. Requer mais tempo e alguma paciência, mas foi a técnica selecionada por alguns estudantes para



Uma das gravuras realizadas nas experiências em eletrogravura

a realização dos seus trabalhos. Neste tipo de gravura, conseguimos obter resultados idênticos à gravura por água-forte, embora sem a utilização de um ácido. Este tipo de gravura demonstrou interesse noutros docentes do grupo de Artes da escola, que me propuseram fazer uma demonstração no *Atelier de Arte*, aulas de vertente extracurricular, onde os estudantes tinham contacto com artistas convidados, proporcionando-lhes experiências e contacto com outras técnicas que não estavam presentes nos programas das disciplinas e desenvolver projetos para a comunidade escolar ou para a sociedade, integrados no *Plano Nacional das Artes*.

Sendo que a técnica eletrogravura exigia que a chapa de cobre ficasse a reagir durante algum tempo no processo de eletrólise, aproveitei para elaborar com ambas as turmas uma sondagem (através do *Google Forms*), para perceber um pouco sobre as expectativas dos estudantes em relação ao futuro. Esta sondagem envolvia três questões:

- Onde sentes que estarás daqui a um ano?
- Onde sentes que estarás daqui a dez anos?
- Sentes que viver na ilha é uma fatalidade? Limita-te?

Feita a sondagem e uma análise aos resultados obtidos, lancei um debate para aprofundar a questão de quererem sair da ilha e não terem uma perspetiva

de regressar. O debate foi extremamente importante para perceber o modo como poderia ajudá-los e prepará-los para as diferentes situações, que pudessem surgir, ao longo do percurso de cada um. Durante a nossa discussão, percebi que havia uma ideia comum nos estudantes: a ilha e o mar eram barreiras limitadoras para a criação de oportunidades e de se sentirem integrados na sociedade. A força da idade adulta, da procura de uma afirmação e de independência, eram fatores suficientes para que existisse uma espécie de ansiedade de partir sem vontade de voltar.

A ideia de introduzir um debate no início da proposta partiu da PC, sendo uma estratégia bastante interessante e utilizada nas suas práticas para perceber os diferentes pontos de vista e opiniões das turmas. Este debate também seria a ponte para lançar a segunda parte da minha proposta. A primeira parte da proposta didática tinha como objetivo a compreensão de conceitos de uma dimensão “global” apreendidos no “local” de vivência. Consistia em fazer um paralelismo entre a importância e sensibilidade criativa que os estudantes podiam desenvolver no projeto através da compreensão e sensação do impressionismo de Raúl Brandão. A segunda parte da proposta tinha como objetivo levar os estudantes a desenvolver um trabalho de pesquisa onde questionavam artistas que estudaram no exterior da Região dos Açores e residem atualmente numa das ilhas do arquipélago. Inicialmente, os trabalhos seriam para apresentar à turma, com o intuito de perceber se as respostas coincidiam com a abordagem que defendiam em relação ao futuro na Região dos Açores (limitações, barreiras, e sem perspetiva de futuro, sendo artista). Neste trabalho (da segunda parte da *proposta didática*), dividi os estudantes por grupos, para ser mais prático e rápido. Pedi aos estudantes que fizessem uma pequena biografia sobre os artistas que iam entrevistar, para dar a conhecer à turma durante a apresentação e pedi que lhes colocassem três questões:

- Por que regressou aos Açores?
- É uma fatalidade viver nos Açores trabalhando em Artes?
- Como podemos vingar na Arte, vivendo nos Açores?

Para facilitar o trabalho aos estudantes e evitar uma possível perda de tempo, apresentei uma série de artistas com as características da *proposta*.

Alguns estudantes questionaram se podiam entrevistar agentes culturais, galeristas ou artistas que não constavam na lista, o que achei uma excelente ideia, abrindo ainda mais o leque de opiniões, numa possibilidade de trazer elementos de diversas vertentes do setor das Artes na região, para a nossa discussão.

Lançadas as duas partes desta proposta, as aulas sete e oito serviram para acompanhar os estudantes no processo de desenvolvimento dos seus projetos. Nesta aula, os estudantes selecionaram uma das técnicas de gravura para criar a sua narrativa visual, a partir do excerto do texto escolhido, da obra literária *As Ilhas Desconhecidas*. Enquanto foram desenvolvendo o projeto das gravuras, relacionado com a primeira parte, a segunda parte, sendo um trabalho de pesquisa e contacto direto com artistas dos Açores, foi realizado fora das aulas, para ser debatido na apresentação final dos projetos. Enquanto recolhia alguns dados e ajudava no processo criativo de cada estudante, percebi que alguns estavam bem encaminhados na execução dos trabalhos, por terem adiantando previamente em casa. Preferia que os estudantes tivessem utilizado a aula para dedicarem tempo à elaboração das gravuras, em vez de levarem mais trabalho para casa, já que tinham o trabalho de pesquisa para fazer. A meu ver, o facto de terem desenvolvido o trabalho em casa e o terem apresentado já finalizado impediu-me de fazer um acompanhamento contínuo do processo criativo e de execução, para poder avaliar adequadamente o progresso desde o início. Por outro lado, o facto de terem adiantado o trabalho em casa demonstrava interesse e vontade de o realizar. De um modo geral, estas aulas foram bastante produtivas e estimulantes por ter tido oportunidade de acompanhar os estudantes em todos os tipos de gravura. Os estudantes que tinham optado por fazer cianotipia estavam tão empenhados e a adorar o processo, que deixámos de ter espaço na sala para colocar folhas em contacto com a exposição solar. Em relação aos estudantes que tinham optado pela xilogravura ou linogravura, procuravam fazer conjugações de impressões em cores diferentes e em diferentes tipos de papel. Uma coincidência interessante foi o facto de os estudantes mais calmos terem selecionado a técnica de eletrogravura, uma vez que esta é a que exige mais tempo para atingir um baixo-relevo perfeito na matriz da gravura. Foram aulas bastante estimulantes, que me

permitiram estar bastante à vontade com os estudantes e fortalecer as relações de empatia com cada um, e foi em particular um grande teste à minha capacidade de orientador.

Nas últimas duas aulas, nove e dez, os estudantes apresentaram os projetos de gravura e os trabalhos de pesquisa. Das apresentações dos trabalhos de gravura surgiram peças bastante interessantes (imagens em anexo), com uma plasticidade que me surpreendeu. As gravuras deram-me a oportunidade de captar o sentimento profundo e a valorização que os estudantes tinham pela ilha. Através dos textos escolhidos e das imagens que criaram, foi possível perceber as suas conexões íntimas com o lugar onde nasceram. Ao juntar todas as imagens, que surgiram de textos escritos por um escritor famoso não açoriano, alguém que nos viu de fora, numa outra época, percebemos que com o passar do tempo, a nossa cultura insular ficou sempre marcada pela partida e pela procura de melhores condições de vida. Com base nessas circunstâncias, quis saber como os estudantes acreditavam que poderíamos superar ou resolver essas 'partidas sem regresso', derrubando as barreiras que nos limitam. Os estudantes foram questionados de como poderiam contribuir para o desenvolvimento local e, assim, criar melhores condições de vida.

Os trabalhos de pesquisa com as opiniões dos diferentes artistas e agentes culturais locais permitiram abrir o campo da discussão sobre a opinião de quem vive e trabalha no setor das Artes na região. A maioria das pessoas entrevistadas referiu que residia nos Açores pela qualidade de vida que estas ilhas ofereciam. Demonstraram a ideia de que viver na ilha não era uma fatalidade, muito menos impossível de se viver e ser artista. O mar não os impedia de ir trabalhar para fora nem que quem viesse os visitasse. A maioria defendia a importância de se fazer uma temporada pelo mundo, conhecer sítios novos, pessoas, culturas diferentes e criar contactos. Só criando um aporte perfeito de cultura e contactos externos fazia sentido regressar. Hoje, as comunicações estão à distância dos nossos dedos e podemos trabalhar para qualquer lado, vivendo no meio do Atlântico. Mas para isso ser possível, era fundamental fazer todo um trabalho para a criação da “nossa rede” com o exterior.

Não tinha a intenção de fazer deste trabalho uma conclusão, mas era antes uma preparação para estes estudantes. Era importante que as turmas soubessem e tivessem conhecimento de que na ilha também se consegue fazer caminho. Foram diferentes perspetivas que se concentraram numa mesma ideia. Caminhos diferentes para o mesmo regresso, trabalhando pela mesma causa. A região tem crescido, mas ainda precisa de mentes novas e frescas que queiram dar o seu contributo para o desenvolvimento da sua terra. Tudo depende da decisão de cada um.

Das respostas que a turma obteve dos artistas entrevistados, fizemos um debate final, que fechou a temporada da minha prática pedagógica. Foi uma discussão bastante interessante, pois, na perspetiva de quem vive nos Açores, a forma como escolhemos trabalhar na região faz toda a diferença na vida e carreira de um artista. Deste debate final, os estudantes lançaram outras questões muito importantes para o desenvolvimento da nossa reflexão: Será que queremos ser apenas artistas regionais, ou artistas da região? Que diferenças existem? Será que é possível conseguir viver apenas do trabalho realizado na região?

Finalizando o debate, fizemos a montagem da exposição, numa das alas da escola, para a comunidade escolar. Esta exposição teve a duração de um mês.

3.6 Ser Artista Regional ou Artista da Região

A discussão sobre as respostas dos artistas entrevistados, gerou uma conversa bastante interessante e enriquecedora, com questões que preocupam muitos dos artistas e estudantes de artes em relação à sua carreira e ao seu *modus operandi*. Uma aluna lançou uma questão bastante pertinente: Na lógica atual, de evolução, devemos operar como um *artista regional* ou como um *artista da região*? Para a aluna, a preocupação dos agentes culturais para a criação de mais espaços dedicados à cultura e às artes, incentivando o desenvolvimento cultural da região, tem permitido os artistas a fixarem-se na região, sendo definidos como *artistas regionais* e poderem desenvolver o seu trabalho para a comunidade local. Por outro lado, muitos artistas da região não querem ficar

apenas por cá, sentindo a necessidade de estarem presentes noutros certames, eventos ou espetáculos fora do país. Onésimo Teotónio Almeida, refere no seu livro *Mínima Azorica – o mundo é deste reino* (2014), que há artistas no campo das letras e das artes, que nos deixam uma imagem do que se passa na relação do criador com o seu mundo.

Parece haver três tipos gerais de comportamento nestes domínios; 1 – O que expressa de modo esteticamente mais elaborado, esses elementos do mundo físico e social: São exemplos, Domingos Rebelo e Tomaz Borba Vieira na pintura; Nunes da Rosa na música e Florêncio Terra, na ficção literária; 2- o que se expressa em termos menos ligados ao mundo sociocultural geograficamente localizado, mas trata de realidades impropriamente ditas universais. São exemplos: Antero de Quental nas ideias e na poesia; Francisco Lacerda na música; Canto da Maia na escultura; 3- o grupo dos que fazem simultaneamente as duas coisas ou alternam períodos em que fazem uma e outra; Roberto de Mesquita, Nemésio e Cortes Rodrigues, na poesia; António Dacosta na pintura; Teófilo de Braga nas ideias relação do criador com o seu mundo.

(Almeida, 2014, p.23)

Da nossa reflexão, criámos uma definição: Enquanto os *Artistas Regionais*, de regresso dos seus estudos no exterior, trabalham com dedicação à evolução da sociedade e identidade local, os *Artistas da Região* são vistos pelos estudantes como artistas de cariz universal, que estão fora na busca de um futuro melhor, regressando apenas para mostrar o trabalho feito, quando convidados. Os *Artistas da Região* não residem nos Açores, mas, normalmente, mantêm as suas obras envolvidas em simbologia identitária açoriana, demonstrando a ligação com a terra natal e o sentimento de saudade. Muitas vezes, estes artistas sentem-se esquecidos pela própria região, assim como a região sente-se abandonada por eles. Aqui fizemos o paralelismo da dor de quem está fora, mas também a dor de quem fica.

A partir destas duas definições de artista, verificámos que uma vertente não invalida, nem é razão para descartar a outra. Se estivéssemos numa outra época, em que não era fácil fazer chegar uma mensagem ao outro lado do mundo, com a mesma rapidez de hoje, a relação entre estas duas opções do nosso *modus operandi* não trazia tantas duvidas nas opções dos artistas dos Açores.

Com base no que transmiti à turma, se regressarmos ao início do séc. XX, este assunto já era tema de controvérsia no mundo artístico dos Açores. No entanto, não presenciávamos o desenvolvimento dos transportes e das comunicações que hoje existem. Portanto, ou se partia ou se ficava. A *Açorianidade* é isto. Os Açores transformaram-se em Vitorino Nemésio, ou como dizia o seu grande discípulo – António Machado Pires, precisamente pelo escritor ter lançado este conceito.

A “Açorianidade” é a da alma que se transporta quando se emigra, como também aquilo que de cada um de nós se espera quando nós vivemos fora” [...] ou “Ser açoriano é mais do que ser-se politicamente, é ser-se consequência da história portuguesa, peninsular, europeia, ocidental e cristã. É-se mais do que se pensa, às vezes menos do que se quer pensar. Transportaram-se na pele séculos de ocidentalidade jogados e desenvolvidos com êxito neste ponto do Atlântico.

(Pires, 2013, p.31)

A condição geográfica, de um arquipélago remoto, praticamente isolado dos continentes, terra de sismos, enchentes e vulcões, sempre entregue ao seu curso temporal, dependente das agitações históricas e políticas, numa luta constante pela sua autonomia, projetou nas pessoas dos Açores, uma relação com a vida e com o mundo, submetidas aos condicionalismos do modo de viver insular. Se pensarmos bem, as pessoas dos Açores são os portugueses do período colonial, que pousaram em terra nova e durante cinco séculos no meio do Atlântico, precisaram de fazer surgir o que temos até hoje, acompanhadas pela tradição de raiz portuguesa e, essencialmente, pela fé, que sempre deu um ânimo forte e tranquila altivez, para superar o mar que as rodeia. A *Açorianidade*

é um estado de espírito ou “uma consciência açoriana” como descreve Nemésio (citado por Peixoto, 2016, p.211). A “Vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas; antes se projeta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem...” (Nemésio ct. por Pires, 2013, p.26).

*Quando penso no mar, o mar regressa
A certa forma que só teve em mim -
Que onde ele acaba, o coração começa*
(Nemésio, 1938)

Se por um lado, subsiste na nossa génese um apego à terra, existe também na maioria dos estudantes uma vontade, uma necessidade insaciável de partir e procurar novos horizontes. Um Ilhéu sempre foi castigado pelo isolamento e penalizado pelo apetite do mundo. Mas a verdade é que se não fosse a nossa insularidade, nunca teríamos a capacidade de compreender o mundo e de fazer com que o mundo nos compreenda. Nunca teríamos os artistas e escritores que a região viu nascer, e souberam criar a nossa identidade. Independentemente da discussão mais ou menos académica à volta da consagração, ou não, de uma corrente artística açoriana, a verdade é que existe muita e variada produção, indiscutivelmente associada à vivência, ao sonho, aos desígnios da realidade insular, ora mais introspetiva e até redutora, ora mais abrangente e universalista, mas sempre merecedora de uma peculiar atenção. Quantidade e qualidade podem, eventualmente, desmentir-se ou coexistir; polemizar sem medos e sem rodeios.

Partindo desta dualidade, durante as aulas, trouxe dois exemplos comparativos, ilustrando o percurso artístico dos pintores Domingos Rebelo e António Dacosta. Em primeiro, temos o exemplo de Domingos Rebelo, que partiu no sonho de estudar em Paris aos quinze anos. Mais novo do que os restantes candidatos, cuja idade rondava os vinte e um anos. Foi acolhido pelos conceituados artistas portugueses que lá estudavam, como Amadeo de Souza-Cardoso, Emmérico Nunes e Eduardo Viana, sendo o que lhe valeu para conseguir manter a persistência essencial ao desenvolvimento num meio tão competitivo como Paris. Era bastante comum nos artistas da sua época, que

evidenciavam a necessidade de sair do seu local de nascimento para os grandes centros, de forma a aprofundarem o seu conhecimento e técnica.

Numa idade em que devia estar a chegar a Paris, regressa à ilha, após seis anos de Paris, fazendo a transição da sua vida de estudante para a sua vida profissional, encontrando um conflito entre o idealismo estético que aprendera, com a realidade do mercado insular (Pereira, 2016 p.17). Permaneceu na ilha de São Miguel durante trinta anos, deslocando-se várias vezes a Lisboa para participar em exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Domingos Rebelo viveu na ambiência do grupo *Orpheu*, em que pontificava Fernando Pessoa (de raiz terceirense) e Armando Côrtes Rodrigues (micaelense), mas a sua vida na ilha deixava-o distante do grupo e do movimento modernista. Na ânsia de encontrar resposta para o lugar onde devia estar, decide enviar uma carta a Côrtes Rodrigues, onde escreve:

Creio que desta vez encontrei aquilo que desejava. Depois de tantas hesitações cheguei à conclusão de que o meu temperamento era realista e que a minha obra tem de ser feita aqui, regionalista sentida com a máxima justeza

(Rebelo ct. por Pereira, 2016)

Na ilha era um *artista regional* - na sua vertente da função da arte regionalista - interpretou as *“formas plásticas do modo de ser moral, do desenvolvimento intelectual e das tendências sentimentais de um determinado povo”* (Ataíde, 2011 p. 180-181), que define a tradição, o estilo, a originalidade e a identidade de uma região.

Mais tarde, Domingos Rebelo volta para Lisboa para sustentar melhor a família e facultar o ensino superior aos filhos, mas a procura do equilíbrio que a ilha lhe dava, leva-o a fechar-se, diariamente, no seu atelier, que considera ser a décima ilha. Muda de terra, mas mantém-se fiel à ilha e aos regionalismos que nela persistem a identidade, num modo de ser *“ilha dentro e fora dela”* (Pereira, 2016 p.21). Terminou os painéis do Palácio de São Bento, incompletos pelo pintor Adriano Sousa, executou os painéis da Igreja de São João de Deus e acumulou vários prémios portugueses. Apesar de não estar entre os mais

reconhecidos pintores da sua geração, dentro do seu país, nas Américas ou pela Europa, onde houver alguém dos Açores, Domingos Rebelo será sempre a referência e o mestre regionalista, que pintou a nossa identidade.

Outro exemplo, é o de António Dacosta, um dos fundadores do surrealismo em Portugal, sempre pertenceu aos Açores, mas sentia que regressar era uma condição que não queria experimentar. Dizia que podia-se ser dos Açores em qualquer parte do mundo, fora do “Portugal pequenino e ditatorial que não soube amar os artistas emergentes e tão só os consagrados” (Melo, 2024, p.92). No entanto, quando chegou a Paris, sentiu o choque causado pelos artistas internacionais, achando que não estava à altura. Tal situação, colocou-o quase por completo, numa longa hibernação de trinta anos da sua prática artística. Volta a pintar de uma forma gradual e longe do surrealismo, quando vai viver para o campo. O campo trouxe-lhe à memória as vivências dos Açores, aproximando-se a uma identidade insular, na busca de colmatar o sentimento de pertença e saudade.

António Machado Pires, nas suas Páginas sobre a Açorianidade, faz-nos uma reflexão sobre estes dois “sentidos de mobilidade psíquica do açoriano” (Pires, 2013, p.59): Um *centrifugo*, na busca e desejo de sair do isolamento, partir para o mundo, ir além-mar, na procura de melhores oportunidades; e o sentido *centrípeto* que tem uma força de atração, que puxa para o local de nascença e no desejo pela identidade. O corpo parte, mas a alma fica sempre presente no centro do cosmos, no porto seguro.

Passados quase seis séculos, as pessoas dos Açores têm nas veias o sangue do português que partiu na luta pelo mundo. A sede de aprender mais com o mundo, não nos faz ser pequenos, apenas por procurarmos algo melhor para nós. Com sucesso ou insucesso, estes pedaços de terra no meio do Atlântico serão sempre a nossa casa. Alguns vão para fora, no sentido de crescerem. Sentem-se pequenos fora, quando podem ser grandes na ilha, que recusam voltar. Outros crescem lá fora, regressam e são grandes na ilha. É extremamente importante sair, ver, procurar, encontrar respostas para as nossas dúvidas e fazer contactos. Depois de tudo, é preciso fazer uma reflexão sobre o futuro. Pode-se perfeitamente ser-se *artista regional*, e ao mesmo tempo ser-se *artista da região*. Tudo depende do modo como queremos operar. Pode-se trabalhar na ilha, ser-se um *artista regional* com preocupação de contribuir para

o desenvolvimento cultural da região e ao mesmo tempo ser-se um *artista da região*, universal, que vive na ilha, mas trabalha para fora, ou como dizia Miguel Torga, “O universal é o local sem paredes” (1955). Hoje, os artistas conseguem manter-se nos seus locais de origem e assistirem à globalização das suas obras, devido à circulação garantida pelas galerias, museus e feiras de arte internacionais. Devido à grande circulação de pessoas, a loucura de viajar, num período pós-pandémico e dos atuais *anos vinte*, as periferias e os pequenos centros estão exaustivamente a ser procurados. É preciso procurarmos a oportunidade, mas também deixar caminho aberto para que a oportunidade nos encontre. Com o desenvolvimento tecnológico que hoje existe, é preciso sabermos olhar para o mar de uma outra forma.

3.7 O Mar como limite ou o Mar como oportunidade?

Ter ficado responsável por duas turmas, permitiu-me ter contacto com uma percentagem considerável de estudantes que estavam a finalizar o 12.º ano. Deste modo, sendo que as opiniões eram transversais à maioria das restantes turmas, posso considerar que os estudantes, na sua generalidade, têm uma visão sobre o conceito de Mar um pouco restrita. Sobre esta ideia, vi também aqui, uma oportunidade para me debruçar sobre esta matéria. A minha primeira impressão sobre este assunto, surgiu na discussão inicial sobre as questões de “partir e não regressar”, enquanto assistia às aulas da PC. A segunda impressão, ocorreu-me durante o processo, aquando da escolha dos excertos de *As Ilhas Desconhecidas*. A maior parte dos estudantes evitou, ou descartou fazer um trabalho relacionado com o mar. Foram apenas três que o escolheram fazer, num contexto de vinte e oito estudantes. Na obra de Raúl Brandão, podemos encontrar diversos excertos relacionados com o mar, inclusive um capítulo dedicado ao *atlântico açoriano*. Notei uma certa recusa ou falta de importância. É verdade que desde o início desta proposta, ficou claro que o mar era visto como uma muralha, uma barreira que os impedia de sair e chegar mais longe.

Sem querer impor as minhas ideias aos estudantes, a experiência, o percurso e toda a aprendizagem, permitiram-me intervir de forma cautelosa.

Mostrei uma certa oposição à visão do mar como barreira, incentivando os estudantes a refletirem sobre essa perspetiva.

Durante cinco séculos, no sossego e na finitude insular das ilhas, ultrapassar os horizontes que limitavam a realidade de ilha, implicava superar a grandeza do mar, que só era possível por via marítima (Peixoto, 2016, p. 222). Este mar que sempre foi o elemento intrínseco do povo dos Açores e o maior responsável pela *Açorianidade* (Neto, 2017, p. 51), escrita por Nemésio e pintada por Domingos Rebelo. O mar que nos moldou a identidade, a cultura, a economia e a nossa história, sempre foi uma barreira, como também uma ponte. Durante séculos, vivíamos isolados do mundo e devido à nossa geografia, no meio do Atlântico, sempre fomos valorizados, numa espécie de *El Dourado* da geoestratégia e geopolítica, mas também pelas baleeiras americanas que passavam por este mar, na procura de caçar baleias. As pessoas dos Açores eram consideradas as mais corajosas no mar. Herman Melville, na sua obra, internacionalmente conhecida *Moby Dick*, não deixa de referir a sua passagem pelos Açores – uma rota obrigatória para os navios baleeiros ingleses-americanos.

Hoje, com a sociedade da informação, a evolução dos transportes e das comunicações, o mar que sempre nos limitou e nos fez sentir longe de tudo, é o mar que nos liga e que sobrevoamos para ultrapassar as barreiras limitadoras que nos coloca no meio do oceano, numa distância quase idêntica entre a Europa e a América, criando-se uma perceção da diferença em rapidez, que nos transporta do isolamento para o centro do mundo, conseguindo marcar presença além-fronteiras, sendo-se dos Açores na sua própria ilha.

Hoje em dia, o que acontece na maioria dos casos dos chamados “artistas internacionais” é que lhes é possível manterem a sua residência na origem e assistirem à globalização da sua obra, pois a circulação das obras de arte está assegurada por instituições museológicas, galerias e feiras internacionais de arte.

(Mota, 2017:85)

Para um conjunto de jovens com identidade de ilha, o paradigma tem e deve ser diferente, de forma a criarem mecanismos para sentirem que o mar não

pode ser uma limitação, mas uma oportunidade. Uma oportunidade para Ser, para estar e viver no lugar de nascença, onde o resto do mundo procura conhecer² e nalguns casos, criar as suas raízes. Quando estamos fora, é do mar que mais sentimos falta.

² Fazendo referência ao desenvolvimento do turismo dos últimos anos.

*Faz essa viagem, meu bem
Que as tuas mãos livres venham cheias
Que teus pés descalços ganhem vidas
Serenem no alívio dessa estrada*

*Faz essa viagem, meu bem
Tudo o que se perde ganha asas
Anjos que caminham lado a lado
Vozes que nos guiam as palavras*

*Vai além, segue vida, segue tempo
Como folha na corrente
Vai, meu bem, segue luta, fogo ardente
Choro, riso, segue em frente*

*Voltarás um dia também
Como todos nós que um dia vamos
Procurando luzes que nos faltam
Encontrando os passos onde andamos*

*Tens essa coragem, eu sei
De largar as coisas mais amadas
Descobrir o sítio onde se lavam
Dores que se querem descansadas*

*Vai, além, segue vida, segue tempo
Como folha na corrente
Vai, meu bem, segue luta, fogo ardente
Choro, riso, segue, em frente*

Vai, meu bem

*Voltarás um dia, eu sei
Com teus anjos fortes pelo ombro
Infinito amor em cada asa
De braços abertos para casa*

Música: Viagem
Tiago Bettencourt

3.8 Falhar na perspectiva de professor

A preparação de uma prática supervisionada requer da nossa parte um grau de exigência acrescido em todos os aspetos, para evitar qualquer tipo de falhas. Falhas estas, que podem pôr em causa a nossa reputação, relação com os estudantes e criar um conflito na transmissão das aprendizagens. Falhar faz parte da nossa humildade e de querermos evoluir além do que somos, mas como professores, quanto mais conseguirmos evitar, melhor.

Não poderei dizer que não tive alguns medos e receios, sendo um professor em estágio. O que pretendia era sentir-me aceite pelas turmas para que as aulas decorressem com um bom ambiente e relação para o sucesso das aprendizagens. Ter um planeamento com aulas contadas, exigia que tudo corresse bem. O facto de ter duas turmas de 12.º ano, por um lado deixou-me mais tranquilo devido ao comportamento, mas por outro, preocupava-me a falta de assiduidade de alguns estudantes, verificada ao longo das aulas assistidas, da PC. O facto de estar em estágio e não ser o professor “real” destas turmas, poderia ser motivo para não levarem as minhas aulas a sério.

As primeiras aulas foram decisivas e nem sempre um professor consegue criar empatia com todos os estudantes, mas o importante é que na generalidade, as aulas decorreram tranquilamente, sem existência de conflitos ou recusas, o que me deixou bastante aliviado e mais confiante para desempenhar o meu papel.

Sentimentos à parte, naturalmente que os erros iriam acontecer. Na primeira aula, em que fiz a apresentação de uma das técnicas de gravura, a PC, fez uma crítica por não ter inserido no *PowerPoint* alguns artistas de referência como exemplo e possível inspiração. A minha explicação à turma, podia ter sido melhor, dado que os estudantes estavam um pouco dispersos. O facto de ter aulas com cada turma em dias diferentes, permitiu-me aprender com uma turma e corrigir os erros nas aulas da outra turma.

O tempo passava tão rápido, dava o toque de entrada e nem sempre conseguia ter a sala preparada antes da turma entrar. Ser professor acarreta diferentes tarefas – as que fazem parte do antes, do durante e do depois da aula.

Tarefas burocráticas que nos encham o tempo em vez de nos focarmos a preparar a próxima aula.

Reconheço que terei falhado por duas vezes na preparação do material. Após as primeiras análises da PC, durante as primeiras duas aulas, notámos a necessidade de preparar a sala de aula, previamente, com as ferramentas e material necessário. A gestão dos recursos era feita segundo a minha lógica. Segundo a perspectiva da PC, os minutos utilizados durante a aula, para a organização do espaço de trabalho, eram cruciais para evitar uma quebra no rendimento da turma. Era quase uma questão de pensamento rápido. Na hipótese de alguma distração na turma, era importante ter uma solução preparada para evitar perder a interação destes estudantes. Talvez por ter um temperamento mais calmo, nunca tenha pensado em soluções para quando surgissem essas situações. No entanto, aprendi algumas técnicas com a PC. Também para evitar incomodar outros professores, que davam aulas na mesma sala que eu, tentava organizar os recursos nos primeiros dez minutos de aula, enquanto os estudantes iam chegando. Os intervalos eram curtos e normalmente os outros professores utilizavam esse tempo para deixar as salas limpas e organizadas.

Ter feito as primeiras experiências na técnica de Cianotipia no estúdio de fotografia (sala que requeria acesso agendado), não me permitiu preparar antecipadamente todo o material. Apenas elaborei uma *check-list* com o material necessário, mas não sabia em que condições se encontrava. No dia da aula, deparei-me com algum material sujo e, deste modo, poderia danificar todo o trabalho. Esta situação deixou-me limitado e bastante constrangido por estar a ser avaliado. Acabei por perder algum tempo da aula, mas graças à boa relação que desenvolvi com os estudantes, conseguimos rapidamente resolver a situação, com a colaboração de todos. Não estava à espera, mas permitiu-me ter a noção de que o nosso trabalho não depende só de nós, principalmente quando utilizamos salas técnicas ou estúdios, de utilização partilhada, nem sempre podemos encontrar o material limpo e preparado para quem for utilizar.

Os erros fazem parte do processo de aprendizagem e permitem-nos evoluir. Naturalmente, que sem a avaliação da PC neste processo, não teria tido a aprendizagem que tive nem solucionado os problemas que foram aparecendo.

Estas situações ao acontecerem durante o estágio, permitem ter a noção e a consciência de como se deve gerir o tempo e os espaços necessários para a realização das atividades letivas.

3.9 Avaliação dos projetos das turmas

A avaliação dos trabalhos dos estudantes foi elaborada em conjunto com a PC, atribuindo diferentes pontuações a cada elemento (como demonstra a tabela de autoavaliação em anexo). De um modo geral, fiquei bastante satisfeito com a prestação e resultado dos trabalhos das duas turmas. No entanto, senti que a turma 1 fez um grande esforço e dedicação para conseguir obter bons resultados. O interesse pelas novas técnicas que apresentei, pelo tema que envolvia o projeto e talvez por ser a turma que mais dúvidas tinha em relação ao futuro, fez com que se notasse a realização de mais trabalhos e envolvência destes estudantes, mesmo nos períodos fora das aulas. Em relação à turma 2, senti algum interesse, talvez por já terem tido contacto com algumas destas técnicas de gravura, dando a sensação de que era um projeto fácil de realizar. Por outro lado, a calendarização da prática pedagógica coincidiu com o festival *Tremor*, que se realizava na cidade e alguns destes estudantes fizeram parte do *staff* para se integrarem no evento. Neste contexto, nem sempre foi possível conjugarem as aulas com o festival, verificando algumas faltas desta turma. No entanto, devido à capacidade e plasticidade destes estudantes, os trabalhos apresentados foram muito bons. Além disso, como professor, sentir que os estudantes não estiveram tão presentes nas aulas, para fazerem parte de um evento cultural, não era justo prejudicá-los por não terem estado presentes em alguns momentos cruciais do projeto. Da mesma forma que a escola ganha com a envolvência e existência destes momentos culturais na cidade, também foi importante que estes estudantes sentissem que era importante participarem nestes eventos, que enriquecem o lugar da arte e da cultura na região. Com a sobreposição do evento com a minha prática pedagógica, procurei dar alternativas para as entregas dos elementos em falta, que eram importantes para o projeto. Senti-me numa situação bastante delicada. Na avaliação geral, estes estudantes ficaram ligeiramente prejudicados pela falta de alguns elementos de avaliação que não entregaram, mas devido à capacidade plástica e qualidade dos trabalhos, atribui uma nota mais adequada com base no trabalho final.

3.10 Avaliação do Professor em Estágio

Após ter feito a autoavaliação com as turmas, apresentei um questionário de resposta rápida, elaborado no *Google Forms* com o apoio da PC, para que os alunos realizassem, anonimamente, a avaliação da minha prestação enquanto professor. Este consistia nas seguintes questões:

- 1) O professor foi claro ao transmitir os conteúdos?
- 2) O professor foi capaz de ajudar e responder às tuas dúvidas?
- 3) O professor foi capaz de envolver os estudantes durante as aulas?
- 4) O professor foi capaz de criar um ambiente inclusivo e de respeito na sala de aula?
- 5) Sentiste estímulo para participar ativamente nas atividades e discussões da aula?
- 6) No geral, que nota atribuis ao professor?

Os estudantes apenas tinham de atribuir uma nota de zero a cinco para cada questão. As médias para cada questão foram as seguintes:

- 1) 4.6
- 2) 4.7
- 3) 4.6
- 4) 4.9
- 5) 4.5
- 6) 4.8

Os resultados deste questionário permitiram-me refletir sobre a utilidade das aulas e verificar se fui justo com todos os estudantes. Quis perceber se cometi alguma falha que pudesse ter prejudicado o aproveitamento de algum estudante.

Além destas avaliações, pedi para os estudantes elaborarem críticas construtivas que pudessem ajudar a aprimorar a minha prestação no futuro. O facto de ser um formulário de carácter anónimo, permitia-lhes expressar o que realmente pensavam. Recebi críticas de cinco estudantes, que não foram propriamente negativas. Indicavam que a minha insegurança era perceptível, compreendendo que, devido ao grande número de estudantes, eu parecia sentir-me um pouco intimidado e nervoso. Por outro lado, mencionaram que a minha “prática de ensino foi muito boa e envolvente, cativando os estudantes a

participarem nas atividades”. Destacaram ainda o interesse pelo projeto, a clareza nas explicações do processo de trabalho e a relação de confiança que construí com a turma. Ao concluir o projeto com os estudantes, não poderia estar mais grato com o resultado crítico e afirmativo das suas avaliações. Reconheço que o meu percurso será marcado por tentativas contínuas de melhoria e pelo reforço da confiança mútua, proporcionando aulas que realmente cativem os meus futuros estudantes. As aulas não se fazem só de estudantes ou de professores, mas de uma ligação de aprendizagem mútua, onde todos são motivados a serem pessoas com valor acrescido.

4. Reflexão sobre uma relação com a açorianidade

A importância de um professor numa plateia de estudantes, é muito mais que a de alguém que está numa espécie de “bolha de retóricas”, comungando com um conjunto de ensinamentos propostos numa cartilha. O professor é aquele que tenta fazer dos ensinamentos propostos, na Escola para a vida. A orientação para um futuro sem medos e receios, preparando os estudantes com capacidade de enfrentar o mar que terão de navegar. Um conjunto de professores, são os pilares de sustentação das ideias e marcos geodésicos de um trilho que terão de caminhar. Pode ser bom ou mau, acompanhados por sol ou chuva. Os professores são elementos fulcrais na construção e desenvolvimento da vida dos estudantes.

Os Açores, na sua raiz insular, são profundamente moldados pela imensidão do mar que os rodeia. Este isolamento geográfico, que inicialmente poderia ser visto como uma limitação, tornou-se na verdade um dos fatores mais determinantes para a criação artística e literária da região. Sem as barreiras naturais do mar, talvez não existisse a mesma urgência em explorar o interior do ser, as inquietações humanas, e a relação íntima com a natureza. O oceano, enquanto separa, une cada vez mais as pessoas dos Açores, numa partilha comum de solidão, contemplação e resistência, inspirando escritores e artistas que dão voz às experiências únicas de viver num território tão remoto, no meio do atlântico.

Esta condição de isolamento gera uma sensibilidade diferente, onde a necessidade de criar nasce, muitas vezes, da falta de contacto direto com o mundo exterior. Os escritores e artistas dos Açores, em vez de serem absorvidos pela vida agitada dos grandes centros, encontram nas suas limitações territoriais a oportunidade de mergulhar profundamente nas suas próprias vivências e no imaginário coletivo das ilhas. O mar, ao ser uma fronteira natural, cria um cenário em que o diálogo com o infinito se faz através da palavra e da arte.

A escola, na região dos Açores pode e deve contar com exemplos da literatura e da arte para responder às preocupações dos estudantes, especialmente no que diz respeito à insularidade. Tal como a cultura açoriana foi moldada pela relação com o mar e pelo isolamento, os jovens de hoje também

enfrentam desafios específicos decorrentes dessa realidade geográfica. A arte e a literatura açoriana, profundamente enraizadas na experiência insular, são ferramentas poderosas para explorar e compreender essas questões, proporcionando um espaço de reflexão e diálogo que vai além das barreiras físicas das ilhas. Da mesma forma que escritores e artistas dos Açores transformaram a solidão e o afastamento em fontes de inspiração, a escola pode usar essas obras para ajudar os estudantes a lidar com a sua própria identidade insular. O contacto com a produção cultural local permite que os estudantes reconheçam que as limitações impostas pelo isolamento podem ser superadas através da criatividade e do pensamento crítico, preparando-os para enfrentar o futuro com confiança. Ao trazer para a sala de aula exemplos de arte e literatura, a escola promove uma visão mais ampla do mundo, ajudando os estudantes a refletir sobre o seu lugar no arquipélago e no contexto global, construindo pontes de compreensão e expressão, tal como os artistas dos Açores fizeram.

A minha prática pedagógica não teria o mesmo resultado, se não tivesse atribuído um sentido humano com base, não só na minha experiência, mas também na experiência de outros artistas dos Açores, que fazem destas ilhas o seu berço vital de inspiração e meio para a criação das suas obras. Viver da arte nos Açores não é uma fatalidade. Apenas requer alguma preparação e noção de que, para estar cá, é preciso conhecer o mundo e ter uma rede de contactos que nos faça sentir ligados. Esta insularidade faz-nos desenvolver a necessidade de sair, conhecer novos horizontes, culturas e maneiras de pensar, e regressar, carregados de uma bagagem por vezes maior do que daqueles que vivem em Nova Iorque ou em Londres. Não somos terra despida de defeitos, como qualquer lugar do mundo. O meu pai sempre me disse “pode ser mais fácil crescer num meio mais pequeno”, longe das lutas da concorrência e ansiedade de chegar ao topo. A nossa cultura sempre nos levou a procurar fora, melhores oportunidades e condições de vida, condenando estas ilhas a um “deserto de todas as chuvas” (Bettencourt, 2000) sem nunca percebermos a sorte que Deus nos deu por colocar-nos nestes nove pedaços de terra, capazes de desenvolver tudo o que quisermos produzir.

Falar sobre a emigração, a açorianidade e insularidade não é uma abordagem recente, como se estivéssemos a falar do desconhecido. É uma

abordagem demográfica que prevalece na nossa cultura, reflexo das mentalidades que ainda persistem. A emigração e a necessidade de partida estão presentes em muitas obras de açorianos, quer na literatura, no cinema, na televisão e na pintura. Obras estas, realizadas pelos que permanecem na região, como daqueles que vivem no outro lado do mar (Rocha, 2017, p.26). Durante o meu estudo e desenvolvimento da proposta didática, deparei-me com três obras de diferentes artistas dos Açores, de diferentes gerações. Nunca estiveram expostas em conjunto e poderiam formar um tríptico. Três pinturas, que apresentam diferentes estágios ou formas de encarar o futuro. Uma de Domingos Rebelo, que por sua vez foi a inspiração de Tomás Borba Vieira e Urbano, intituladas de *Os Emigrantes* (1962)³, *Os Regressantes* (1987)⁴ e *Os Naufragantes* (2012)⁵. Um tríptico importante, que nos ajuda a perceber e interpretar os fenómenos emigratórios, comparáveis com os diferentes estágios que os estudantes podem encontrar no futuro, tendo como base a partida da região. Na Obra de Domingos Rebelo, *Os Emigrantes*, um dos seus quadros mais emblemáticos, permite-nos ter uma abordagem sobre as pessoas dos Açores que partem na procura de melhores condições de vida, por vezes na procura de uma mera sobrevivência, ou na busca de atingir um sonho de realização individual. Partem sempre com o sonho de um dia voltar, mas com a incerteza de que isso acontecerá. Esta obra, retrata muito bem o primeiro estágio em que os estudantes se encontram, no último ano de escolaridade. A necessidade de sair, de viverem num lugar que possam crescer, assumir, expressar e se encontrarem. É um estágio de manifestação, liberdade e responsabilidade, perante o individualismo e amadurecimento que a vida adulta e universitária os obriga a enfrentar. Tanto quanto os emigrantes, no regresso temporário, sentem que o sucesso deve ser visível e reconhecível, na medida de que tudo corre bem. Na obra de Tomaz Borba Vieira, *Os Regressantes*, podemos reconhecer o estilo identitário daqueles que, após uma temporada de sucesso no outro lado do mar, regressam com um sentimento de missão cumprida ou de que criaram riqueza suficiente para conseguirem viver na região, em melhores condições do que os que cá ficaram. Paralelamente, no prisma dos estudantes,

³ Imagem 1 (anexo)

⁴ Imagem 2 (anexo)

⁵ Imagem 3 (anexo)

este é o estágio mais importante, que, como podemos encontrar na obra *Os Regressantes*, estamos perante o retrato de uma riqueza material, na vertente dos estudantes, a maior riqueza que terão de atingir é na aquisição de boas notas, bons trabalhos, na aquisição técnica e construção de uma grande rede de contactos. Só assim se ultrapassam os medos e as limitações do mar, fazendo dele, um meio de ligação e de exploração mundial, permitindo estar no centro e na periferia, trabalhando como um todo. Por fim, na Obra de Urbano, *Os Naufragantes*, que retrata o insucesso de uma luta emigratória e dos “trambolhões” que ocorrem numa grande parte dos emigrantes e se deparam com o medo de voltar para não assumir que não correu bem “lá fora”. Sendo um “trambolhão”, é um naufrágio. É como passar de preto para branco e o resultado ser o mesmo. Partir numa luta que em nada resulta. Este é um tipo de estágio a evitar. O trabalho realizado com os estudantes teve como principal objetivo alertá-los, para que evitem chegar ao ponto de ficarem a meio do caminho, perdidos no tempo ou no espaço, estejam onde estiverem.

Nas três obras existe um elemento central – o baú (ou a mala em *Os Regressantes*). Este objeto de transporte é o mesmo que leva, que traz, que mantém a bagagem, o conteúdo que é alterado ao longo destes estágios ou destas viagens. O Baú é o objeto que transporta o conteúdo mais importante ou mais pesado. Enquanto nos quadros *Os Emigrantes* de Domingos Rebelo e *Os Regressantes* de Tomaz Borba Vieira, podemos encontrar o Baú como um elemento com conteúdo em transição, podendo simbolizar a intenção de crescimento, enquanto no quadro *Os Naufragantes*, de Urbano, o Baú apresenta-se estagnado no meio do oceano, na esperança de chegar a algum lado. Toda esta narrativa está intrinsecamente ligada com a vida dos estudantes, sejam eles finalistas da escolaridade obrigatória ou do ensino secundário.

“As linguagens da Arte, com todo o seu poder de comunicação, têm uma força emocional que escapa a outras formas de expressão, como é o caso da científica [...]” (Rocha, 2017, p23) e a Demografia, sendo uma forte expressão quantitativa, nem sempre permite uma adesão individual e coletiva de uma comunidade, para interpretar estes fenómenos integrados no reconhecimento cultural e identitário. É cada vez mais importante trazer para o meio escolar estas diferentes abordagens dos fenómenos migratórios açorianos, que permitam aos

estudantes identificar os diferentes tipos de problemas e possíveis soluções, que possam vir a enfrentar, neste mar que nos limita e também nos une.

Esta proposta envolveu muito Trabalho, ou melhor, foi o trabalho que me levou a esta Proposta. Este, é o reflexo de tudo o que vivi, tentando evitar que os estudantes repetissem os mesmos problemas e levassem mais tempo a encontrar soluções. Os problemas sentidos por eles foram também os meus, por isso, como professor, senti a responsabilidade e o dever de os compreender e melhor orientar.

Vi nestes estudantes o reflexo de mim e vi em mim um reflexo dos estudantes, ou como diz o escritor João de Melo – autor de *Gente Feliz com Lágrimas* e *O meu mundo não é deste Reino* – na cerimónia de elevação dos 500 anos a concelho do Nordeste, sua terra natal:

O Meu Nordeste viaja comigo pelas sete partidas portuguesas: é um mito e um eterno retorno. Possivelmente, menti-o e exagerei-o nas suas reais dimensões. A insularidade do ficcionista atravessa o oceano de cá, para lá, e regressa á origem perfeita do homem e do escritor. [...] O meu sonho pertence-me, mas também é vosso, aqui ou outras paragens. Façamos de conta que há agora um futuro que começa nesse sonho e nunca mais há-de acabar. O futuro está aqui dentro: mora na alma e nas casas dos que amam a vida, a terra, as liberdades de Abril, a Autonomia, o municipalismo, a cultura popular e erudita, o povo, a paisagem, este mar de ida e regresso à nossa casa do ser [...]

(Melo, 2017, p.124-125)

Partir é sentir a dor. É a dor dos que partem, mas também é a dor dos que ficam. É a dor do esquecimento. O esquecimento de quem vai e não pensa voltar, mas também é a dor dos que ficam e esquecem os que não querem voltar. Espero que tudo isto seja útil e o futuro destas ilhas se faça de gente com vontade de regressar.

Sair da ilha é saltar na sua direção. Até breve. Até ao fundo de nós.

(Bettencourt, 2022, p.20)

Bibliografia

Almeida, Onésimo Teotónio (2014). *Mínima Azórica – o mundo é deste reino*, Companhia das Ilhas, Lajes do Pico

Ataíde, Luis Bernardo Leite de (2011). *Etnografia arte e vida antiga dos Açores*, Vol. IV, Edição facsimilada, Ponta Delgada: Presidência do Governo/Direção Regional da Cultura.

Berger, J. (1972). *Modos de ver* [EBook] São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

Bettencourt, Carolina (2022). *Quando a casa é escrita no mar*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.

Bettencourt, Sidónio (2000). *Deserto de todas as chuvas*. Ponta Delgada: Edições Salamandra

Bettencourt, Tiago (2000). *Viagem* (Música). Album: Rumo ao Eclipse. Sony Music Entertainment Portugal, Sociedade Unipessoal Lda.

Brandão, Raúl (1988). *As Ilhas Desconhecidas*. Editorial Comunicação, Lda., Lisboa

Carreiro, Carlos (2021). *Viagens de Um Artista Enquanto Jovem*. Artes e Letras Editora

Cosme, A., & Trindade, R. (2013). *Organização e gestão do trabalho pedagógico: perspectivas, questões, desafios e respostas*. Porto: LivPsic.

Cury, Augusto (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Editora Pergaminho

De Sá, Daniel (2017). *Ilha Grande Fechada*. Ponta Delgada: Ver Açor Editora.

Dewey, John (1952). *Experiência e Educação*, 3ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo

Do Ó, Jorge Ramos (2016). *Sobre o tradicional cerco à inventividade infanto-juvenil e o amanhã da escola como uma comunidade de iguais*, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, p.213-219.

Do Ó, Jorge Ramos (2007). *Desafios à escola contemporânea: um diálogo*. Educação e Realidade, p. 109-116.

Giroux, Henry A. (1997). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.270.

Machado, Eusébio Andrade (2023). *Trabalho Docente na Era Digital – É Preciso Mudar de Vida?*, Porto Editora, Porto

Medeiros, Emanuel Oliveira (2016). *Universidade, Singularidade e Ensino: Dinâmicas para a educação e criatividade da linguagem*. – Da Literatura e da Cultura. Letras Lavadas Edições, p.189, Ponta Delgada.

Melo, Assunção (2024). *António Dacosta e o Sentido de Pertença na Pintura. Motivações, Resistências e Inovações*. - Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Açores.

Melo, João de (2017). O Nordeste aqui e à Distância in 500 anos de Elevação do Logar de Nordeste a Villa, edição da Câmara Municipal de Nordeste.

Moreira, Vânia L. R. (2012). *Diário gráfico: Uma abordagem a partir da singularidade de cada aluno*. Porto: FPCEUP (dissertação de mestrado).

Mota, Fátima (2017). *Do Local Para o Global, Artistas e Mercados: Uma Visão a Partir da Periferia* in *Domingos Rebelo em 10 Pinceladas*. Letras Lavadas, Ponta Delgada

Nemésio, Vitorino (1938). *Correspondência ao Mar* in *O Bicho Harmonioso*, Coimbra, Revista de Portugal

Neto, A. I. (2017). *O Mar como Fonte de Inspiração: Da Pintura de Domingos Rebelo à Investigação das Algas* in *Domingos Rebelo em 10 pinceladas*. Editora Letras Lavadas, Ponta Delgada

Nóvoa, António (2007). *Desafios Do Trabalho Do Professor No Mundo Contemporâneo*. Sindicato dos professores de São Paulo, São Paulo.

Ordine, Nunccio (2017). *A Utilidade do Inútil: Um Manifesto*. Tradução: Margarida Periquito, edição: Faktoria K de Livros.

Peixoto, Ermelindo (2016). *Aeridade e Açorianidade* in *Da Literatura e da Cultura, Homenagem a António Machado Pires* – Universidade dos Açores/Letras Lavadas Edições, p. 211, Ponta Delgada.

- Pereira, Leonor Almeida** (2016). *Um sonho de menino. Domingos Rebelo: Pintura*. Editora Letras Lavadas, p. 9-21, Ponta Delgada.
- Pires, Machado** (2015). *Memórias e Reflexões*. Letras Lavadas Edições, Ponta Delgada.
- Pires, Machado** (2013). *Páginas Sobre Açorianidade*. Letras Lavadas Edições, Ponta Delgada.
- Pires, Machado** (1994). *Universidade, Humanismo e Tecnologia*, Universidade dos Açores: Ponta Delgada
- Pires, Machado** (1988). *Prefácio in As Ilhas Desconhecidas* de Raúl Brandão. Editorial Comunicação, Lda., Lisboa
- Pires, Machado** (1981). *Linguagem, Linguagens e Ensino*. Universidade dos Açores: Ponta Delgada
- Ranciere, Jacques** (2002). *O Mestre Ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*, tradução de Lilian do Valle-Belo Horizonte: Autêntica
- Rocha, Gilberta** (2017). *Interpretações e Linguagens dos Fenómenos Sociais: Do Quantitativo e da Arte in Domingos Rebelo em 10 Pinceladas*. Letras Lavadas, Ponta Delgada
- Saramago, J.** (1999). *O Conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schön, Donald A.** (2014). *Formar Professores Como Profissionais Reflexivos*, Texto extraído de: NÓVOA, António (Coord.). Os Professores e a sua Formação. 3ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997, Seleção, digitação, diagramação de José Lino Hack e Mara Brum. Pelotas, FaE-UFPeI,
- Urbano** (2024). Excertos retirados de conversa entre o artista e equipa do Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas. *De Natura Maris - Urbano*. Ribeira Grande - Açores: Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas.
- Veiga-Neto, Alfredo** (1996). *A Didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista*, Educação & Realidade, Porto Alegre

Videografia

Muniz, Vik (2010). *Lixo Extraordinário*, Almega Projects O2 Filmes, Reino Unido/Brasil, YouTube

https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0&ab_channel=TEDxTalksTEDxTalksValidada

Varda, Agnès (2000). *Les glaneurs et la glaneuse*, França.

Documentos Digitais

Projeto Educativo (PE) da Escola Secundária Antero de Quental (2016)

*PEE 2015_2018 aprovado em Assembleia a 12 julho.pdf (esq.pt)

Anexos

Proposta trabalho

Esta proposta didática nasceu de um debate, numa das aulas de Oficina de Artes, do 12º ano, em que estive a assistir. Nesta aula, decorria um debate, onde a PC questionou os estudantes, se iriam estudar fora ou não. A pergunta gerou uma série de respostas e questões. Estávamos a meio do ano e a maioria ainda não tinha decidido o que iria fazer. No entanto, esta maioria, pensava em seguir os seus estudos fora da região, afirmando que dificilmente regressariam para trabalhar e viver. Sair da ilha envolve uma descoberta pela saudade, pela recordação e muitas vezes pela verdadeira inspiração da sua própria arte. É também um fenómeno, uma transformação. Uma transformação que pode ser definida por diferentes estágios, retratados na pintura de artistas dos Açores.

Um trabalho realizado com duas turmas do 12º ano, nas duas aulas semanais de noventa minutos, durante cinco semanas.

“Sair da Ilha é a pior maneira de ficar nela”

Daniel de Sá

PROPOSTA DE TRABALHO

Finalidade da proposta – **Elaboração de uma narrativa visual, utilizando técnicas de gravura** (linogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia).

O projeto tem como objetivo a análise síntese de um excerto da obra *As Ilhas Desconhecidas* de Raúl Brandão, um escritor do Porto, que faz uma viagem pelos Açores e descreve as ilhas, perante o seu olhar. Após a análise, os estudantes deverão ser levados a escolher um dos excertos, para posteriormente desenvolverem um desenho ou imagem, perante o que o texto lhes transmite. Através da construção da imagem, os estudantes devem elaborar uma gravura através de uma das técnicas de linogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia. A conclusão do projeto resultará numa exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas turmas a toda a comunidade escolar.

Procedimentos

10. Apresentação da Proposta de Trabalho.
11. Debate e lançamento de questões à turma e desenvolvimento de um brainstorming sobre *Voltar aos Açores depois da formação no exterior*.
12. Escolha de um excerto da obra *As ilhas desconhecidas*, de Raúl Brandão
13. Interpretação do excerto numa imagem
14. Imagem em gravura numa das técnicas de linogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia.
15. Apresentação à turma.
16. Trabalho de pesquisa sobre um artista dos Açores, questionando sobre *quais razões do seu regresso à região, após a sua formação no exterior*.
17. Apresentação à turma e debate sobre as opiniões dos artistas dos Açores.
18. Preparação de exposição.

Materiais/Recursos

Goivas, MDF, Placa de borracha ou placa de linóleo, chapa de Cobre, xilol, verniz, tintas, líquido cianótico, álcool, sal, vinagre e pilha de 9v.

Estratégias/Metodologias

- Expositiva/Debate-reflexão
- Realização de trabalho de pesquisa sobre vida e obra de artistas que estejam atualmente a produzir, para apresentação à turma.
- Trabalho individual de gravura
- Apresentação de diferentes materiais, instrumentos, suportes conducentes à deteção das vocações específicas e das suas potencialidades expressivas;
- Exploração de diversas técnicas de pintura e gravura (linóleo, xilogravura, cianotipia e electrogravura);
- Realização de visitas orientadas e participação em atividades realizadas em museus e outras instituições culturais, que explorem a diversidade dos processos criativos e a descoberta e exploração de diversas técnicas;

- Organização de conversas com artistas sobre os seus processos criativos, técnicas e materiais utilizados.
- Intervenção individualizada e/ou tutoria de grupo

Formas de apresentação

- Serão usadas diferentes formas de apresentação para além da exposição oral, nomeadamente, PowerPoint, Google Forms, textos e imagens.

Meios de ação/expressão

- Os estudantes usarão diferentes formas de expressão Visual, construídas pelos próprios - expressão gráfica; fotografia digital e/ou analógica. Poderão utilizar outros modos de expressão que se enquadrem no trabalho, como o desenho e a pintura.

Calendarização

Tempo de realização – 27 de fevereiro a 31 de março.

Plano de Aula

As ilhas desconhecidas – construção de narrativas em gravura

Tempos Lectivos	Conteúdos	Objetivos específicos	Atividades/ Metodologia/ Estratégia	Recursos	Descritores Do Perfil Dos Alunos
Aula 1	Técnicas de comunicação/apresentação.	1º Momento Os estudantes são levados a criar uma Narrativa Visual a partir de um excerto da obra <i>As ilhas desconhecidas</i> . O exercício consiste em criar uma imagem a partir de um texto e a partir de uma técnica de gravura em linogravura, xilogravura, electrogravura ou Cianotipia.	Apresentar à turma a proposta de trabalho para realização de uma narrativa visual com base na obra <i>As Ilhas desconhecidas</i> de Raúl Brandão. Xilogravura e Linogravura Como se faz? Impressão em xilogravura e linogravura	Apresentação em PowerPoint e vídeos. Computador Projektor Classroom (Google)	Criativo (A, C, D, J)
	Material Instrumento Suporte Técnicas				
Aula 2	Gravura: Linóleo/cianotipia/xilogravura/ electrogravura Expressão Representação	Serão criados momentos de orientação/avaliação/questionamento e reflexão. - Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica;	Xilogravura e Linogravura Como se faz? Impressão em xilogravura e linogravura	Goivas, MDF, Placa de borracha ou placa de linóleo, chapa de Cobre, xilol, verniz, tintas, líquido cianótico, álcool, sal, vinagre e pilha de 9v	Sistematizado r/ organizador (A, B, C, I, J)
	Modos de Formar				
Aula 3	Projeto		Cianotipia - Como se faz? Impressão em Cianotipia.		
	Metodologia Projetual				
Aula 4	Objeto Artístico				
Aula 5	Pesquisa e Modos de representação		electrogravura - como se faz? Lançamento de questões à turma sobre <i>Voltar aos Açores depois da formação no exterior?</i> 1 -	Forms (Google) Apresentação em PowerPoint e vídeos. Computador Projektor	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, G, I, J) Crítico/Analítico (A,B, C, D, G)
Aula 6		2º Momento Refletirem sobre a importância das nossas ilhas e se pensam voltar depois de fazerem a sua formação no exterior	Brainstorming com os estudantes sobre: - Depois de fazerem a sua formação, pensam em voltar aos Açores?		Indagador/ Investigador (C, D, F, H, I)

Aula 7	Processo criativo	- Representar bi e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou suportes informáticos; - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual;	2 - Apresentação da proposta de trabalho aos estudantes sobre a pesquisa de um artista dos Açores residente ou que tenha os Açores como inspiração para as suas obras.	Respeitador da diferença/ do outro (A, B, E, F, H)
			Desenvolvimento do projecto pelos estudantes.	
			Desenvolvimento do projecto pelos estudantes.	
Aula 8				
Aula 9			Apresentação do trabalho à turma (gravura e pesquisa dos artistas dos Açores)	Apresentação em PowerPoint e vídeos. Computador Projektor
Aula 10		Serão sujeitas a avaliação: Relatório com suas conclusões elaboradas por cada grupo; Participação e contribuições pessoais de cada estudante, quer no debate da turma quer no debate grupo, serão sujeitas a avaliação; No final da atividade o estudante propõe e justifica a sua classificação, inclusive através do preenchimento de fichas de autoavaliação especificamente criadas para esta atividade.	Avaliação da proposta. Debate com os estudantes sobre os artistas.	

Avaliação

Critérios expostos no painel didático [consultar documento anexo]

Guião de trabalho

Nota: A ordem das tarefas poderá ser alterada desde que não as inviabilize.

1º momento

1. **Individualmente**, escolhe um dos excertos apresentados da obra *As ilhas desconhecidas* de Raúl Brandão
2. **Interpreta** do excerto uma imagem, que pode ser em desenho ou fotografia (preto e branco)
3. A partir da imagem, utiliza uma das técnicas de gravura (linoleogravura, xilogravura, electrogravura ou cianotipia).
4. Apresenta à turma. Nesta fase, podes escolher a melhor forma de expores à turma o teu trabalho.
5. Auto-avaliação
6. Preparação de uma exposição na escola.

2º momento

1. Lançamento de questões à turma e desenvolvimento de um brainstorming sobre *Voltar aos Açores depois da formação no exterior*.
2. **Em grupo**, elaborem uma pesquisa sobre um artista dos Açores (residente e que estejam atualmente a produzir).
Nesta pesquisa, elaborem uma pequena biografia dos artistas e as seguintes questões:
 - Por que regressou aos Açores?
 - É uma fatalidade viver nos Açores trabalhando em Artes?
 - Como podemos vingar na Arte, vivendo nos Açores?

Quadro 1- Planificação Anual de Oficina de Artes

Planificação de Oficina de Artes 12º E e F		2022/2023		
Professora Leonor Couto				
1ª Unidade de Trabalho				
Área de Diagnóstico -Linguagem Plástica e seus elementos estruturais Signos Modos de representação Arte - O que é arte				
Objetivos	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	CrITÉrios de avaliação	Calendarização
1-Testar aprendizagens anteriormente realizadas, tendo presentes o seguinte: Identificar e selecionar signos, símbolos e sinais; Analisar e relacionar sistemas de signos; Inferir conceitos sobre diferentes tipos de linguagem; Identificar, em obras previamente selecionadas, os elementos estruturais da linguagem plástica que nelas são determinantes, bem como os efeitos expressivos que daí resultam. 2-Dominar o desenho como forma de representação, pensamento e comunicação; 3- Desenvolver o espírito de observação, atenção visual e memória visual, assim como, adquirir hábitos de registo metódico. Aplicar com fluência a gramática da linguagem visual. 4-Promover estratégias que desenvolvam o pensamento crítico e analítico dos estudantes; 4A-Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.	LINGUAGEM PLÁSTICA Conceitos de linguagem Elementos estruturais da linguagem plástica Sistemas de signos Signo Verbal e Signo Icónico Modos de representação Definição de arte Funções da arte	-A partir da análise a obras de arte debater questões em torno dos sistemas de signos, fundamentalmente, do sistema verbal e icónico. - Verificação da especificidade destes sistemas ao nível da estrutura dos signos e dos códigos que os articulam. - Analisar em diversas obras as funções que os elementos estruturais da linguagem plástica desempenham na sua estrutura e/ou na caracterização das suas morfologias. - Realização de exercícios que explorem diversos tipos de linguagens (linguagem plástica, gestual, musical, escrita ..) Exercícios de desenho cego, de memória, de observação, científico, técnico...); - Execução de diversos exercícios de representação com o objetivo de aferir e consolidar conhecimentos. Conversas e debates sobre o que é a arte e suas funções.	Consultar nota A. Poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar. . Capacidade de leitura e análise de imagens. . Domínio dos meios de representação. . Invenção criativa aplicada a trabalhos e projetos. . Persistência na aprendizagem. . Empenho no trabalho realizado. . Aquisição e compreensão de conhecimentos e aplica-los a novas soluções.	1º Período- 8 tempos letivos
2ª Unidade de Trabalho				
Realizar em grupo (constituído por 3 estudantes) de trabalhos de pesquisa sobre a vida e obra de diversos artistas(artistas plásticos, designers, arquitetos...) nacionais e internacionais, que estejam atualmente a produzir.				
Objetivos	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	CrITÉrios de avaliação	Calendarização
- Desenvolver competências de pesquisa; - Analisar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais, mobilizando diferentes critérios estéticos;	Pesquisa Análise de um objeto artístico Componentes formais e expressivas	-Realização de trabalho de pesquisa sobre vida e obra de artistas plásticos que estejam atualmente a produzir, para apresentação à turma. . Análise a obras patentes num espaço cultural, a definir e realização de	Avaliação formativa e sumativa, decorrente dos trabalhos realizados. Exposição e análise dos mesmos. O processo de avaliação e a discussão dos	1º Período

-Despertar para a consciência e o respeito pela diversidade cultural e artística; - Desenvolver capacidades de leitura e análise de modos de formar o objeto artístico; - Conhecer diferentes modos de projetar como parte integrante do processo artístico, relacionando a dinâmica das aprendizagens anteriores com as novas hipóteses expressivas; - Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais; - Desenvolver capacidades de trabalho em equipa, em trabalho presencial ou online, necessárias à consecução de projetos; - Adquirir técnicas para apresentação de trabalhos à turma e a outros públicos; - Adquirir hábitos e o gosto pela constante atualização de conhecimentos.	Análise sincrónica e diacrónica Técnicas de comunicação/apresentação.	atividade, prática ou teórica, que analise e explore uma destas obras, em atividade coordenada pelos estudantes do 12º ano, e destinada aos estudantes do 7ºA e G e 8º F no âmbito da disciplina de Educação Visual.	trabalhos visa o ajustamento de opções e métodos de trabalho. Consultar nota A.	
3ª Unidade de Trabalho Exploração de Materiais, Suportes e Instrumentos, Técnicas de Expressão e de Representação.				
Objetivos	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	Critérios de avaliação	Calendarização
- Identificar a origem e composição de materiais diversificados (grafite, carvão, pastel, barro, gesso, pigmentos de origem animal, vegetal, mineral e pig artificiais) e experimentação das suas capacidades técnicas e expressivas; - Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica; - Representar bi- e tridimensionalmente através de meios riscadores e/ou suportes informáticos; - Manipular, com intencionalidade, os diferentes processos técnicos da representação e expressão visual; - Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual; - Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais.	Material Instrumento Suporte Técnicas Gravura: Linóleo e cianotipia Expressão Representação Modos de Formar Especificidades Inter-relações Metodologias Processo criativo	- Realização de exercícios de experimentação de materiais, instrumentos, suportes conducentes à deteção das vocações específicas e das suas potencialidades expressivas; -Exploração de diversas técnicas de pintura e gravura (linóleo e cianotipia); - Realização de visitas orientadas e participação em atividades realizadas em museus e outras instituições culturais, que explorem a diversidade dos processos criativos e a descoberta e exploração de diversas técnicas; - Organização de conversas com artistas plásticos sobre os seus processos criativos, técnicas e materiais utilizados.	Consultar nota A.	1º Período
4ª Unidade de Trabalho A definir pelo formando a realizar mestrado em Ensino de Artes Visuais.				
5ª Unidade de Trabalho				

Participação no concurso <i>Prémio Medeiros de Cabral</i> promovido pela Associação Seniores da Ilha de São Miguel. No âmbito dos currículos escolares, os estudantes de artes irão desenvolver trabalhos, na área de Desenho-Pintura ou/e Instalação artística, subordinado ao tema proposto para o presente ano letivo.				
Objetivos	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	Critérios de avaliação	Calendarização
- Identificar diferentes conceitos de Projeto; - Entender o Projeto como uma realidade múltipla e multifacetada; - Analisar e refletir sobre a génese do Objeto; - Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação de um Projeto; - Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais; - Estruturar e realizar um Projeto de Pintura, Assemblage ou Instalação.	Projeto Metodologia Projetual Objeto Artístico Processo criativo	-Abordagem aos conceitos essenciais e necessários para o desenvolvimento de um projeto específico, como a participação num concurso de Artes Visuais. - Apresentação dos objetivos e leitura atenta ao regulamento do concurso; -Propor aos estudantes a estruturação do Projeto, seguindo as seguintes fases: a) A enunciação clara do problema a resolver, tendo em consideração o regulamento de cada concurso; b) A definição de objetivos, enquadrando aspetos que tenham em conta os limites e grau de funcionalidade da proposta de solução para o problema enunciado; c) A identificação dos elementos que deverão constituir e integrar o desenvolvimento do Projeto; - c1) A análise a “objetos” que tenham funções semelhante; d) A identificação das disponibilidades tecnológicas (matérias, materiais e instrumentos) que, considerando a simulação do objeto/produto final, permitam resolver as primeiras hipóteses formais orientadas para a prossecução do projeto; e) A exploração de técnicas e meios visando soluções inovadoras; f) Realização de maquetas e modelos; g) Execução do projeto; h) Elaboração de memória descritiva e justificativa; i) Apresentação do projeto à turma ou à comunidade escolar ou local; j) Montagem de exposição com os projetos realizados.	Consultar nota A.	2º Período
6ª Unidade de Trabalho				
Criação de projeto para horta na escola				
Objetivos	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	Critérios de avaliação	Calendarização
- Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projeção e execução de projetos na área de arte urbana - Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi- e tridimensionais;	Técnica Tecnologia Planificar Projetar Executar	-Ação de sensibilização para o projeto de uma horta para escola, realizada em parceria com os professores orientadores do projeto, seguindo as seguintes fases: -Definição do problema e das linhas orientadoras do projeto.	Consultar Nota A.	2º e 3º Período

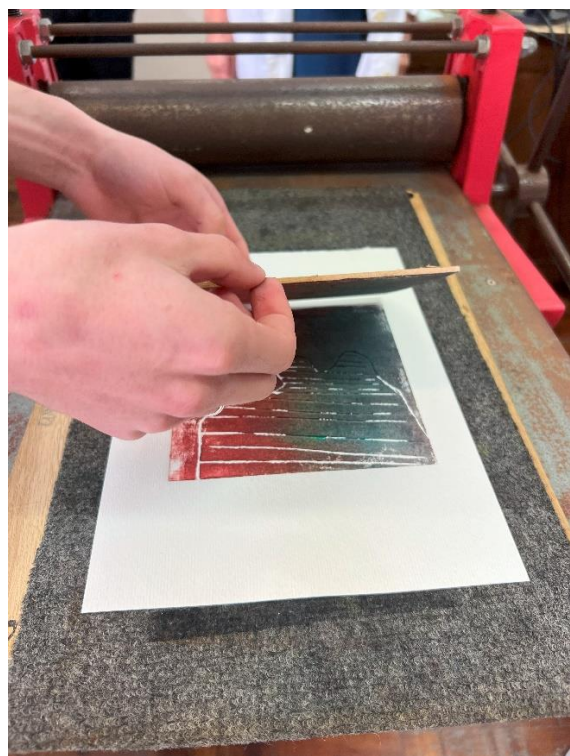
- Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto; - Desenvolver a capacidade criativa para propor soluções inovadoras. - Desenvolver metodologias de comunicação, planificação, projeção e execução de projetos. - Aprofundar capacidades nos domínios da pesquisa, da recolha, da experimentação, assim como da representação bidimensional e tridimensional. - Dominar técnicas e tecnologias necessárias ao desenvolvimento e concretização do projeto. - Apresentar o projeto realizado à comunidade escolar e local.		- Pesquisa de materiais, equipamentos e consulta a especialistas nesse tipo de projeto. - Análise dos dados recolhidos e definição de diretrizes para a apresentação de novas soluções. - Início do processo criativo - execução de esboços. - Identificação das disponibilidades dos materiais e técnicas que permitam resolver as hipóteses formais orientadas para a prossecução do projeto. - Exploração de formas, de técnicas e de meios visando soluções inovadoras. - Pedidos de orçamentos a especialistas. - Programação e realização do projeto. - Execução da memória descritiva e justificativa. - Verificação e remodelação do projeto se necessário. - Apresentação do projeto. - Acompanhamento na execução do projeto.		
6ª Unidade de Trabalho Arquitetura de Criação de embalagem ou linha gráfica de produtos açorianos e ou elaboração de projeto para habitação unifamiliar				
	Conteúdos	Metodologias/ Atividades	Critérios de avaliação	Calendarização
- Desenvolver competências de pesquisa. - Conhecer as fases metodológicas de um projeto de design de comunicação. - Entender os modos de projetar como parte integrante do processo artístico, relacionando a dinâmica das aprendizagens anteriores com as novas hipóteses expressivas. - Compreender e identificar aspetos como: o formato da página, as proporções das margens, a construção da mancha, o papel do espaço vazio e do ritmo, a importância da tipografia, o estudo da cor e da forma. - Desenvolver a capacidade criativa. - Utilizar adequadamente os materiais, os suportes e os instrumentos necessários à construção de uma mensagem visual. - Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa.	-Códigos visuais -Objeto de Design - Psicologia da forma -Metodologia Projetual - Normas de paginação -Maqueta Representação expressiva e representação rigorosa	. Abordagem teórica aos princípios de composição gráfica, através da análise a diversos objetos gráficos e estudo da Teoria da Forma/Teoria de Gestalt. - Enunciação clara e definição dos objetivos do projeto. - Identificação dos elementos que deverão constituir e integrar o desenvolvimento do ante-projeto e do projeto de design ou de arquitetura. - Visualização de PowerPoint e vídeos seguidos de debate sobre esta temática. - Realização de trabalho de pesquisa, análise sincrónica e diacrónica de produtos com funções similares ao que será criado e recolha sobre diversas publicações que abordaram este tema. - Realização de estudos antropométricos e ergonómicos essenciais para a criação da embalagem. _Pesquisa e estudo dos materiais necessários para a produção da embalagem. - Criação de esboços do estudo gráfico da mesma.	Consultar nota A.	3º Período

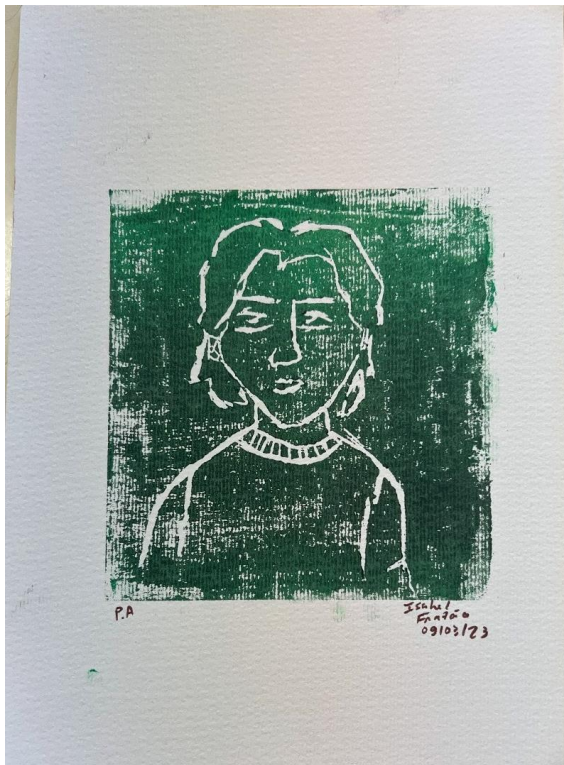
		. Seleção do layout. - Pedidos de orçamentos a especialistas. .Execução da arte final do projeto. - Execução da memória descritiva e justificativa. - Apresentação do projeto à empresa açoriana.		
Nota A Para cada unidade de trabalho será elaborada uma grelha de avaliação, para auto e hétéro avaliação, tendo em consideração os critérios definidos no programa da disciplina e adotados pelo Grupo Disciplinar e às especificidades dos trabalhos propostos. Os critérios de avaliação, assim como as grelhas de avaliação de cada unidade de trabalho serão entregues, no início do desenvolvimento dos trabalhos, aos estudantes. No final de cada período o estudante propõe e justifica a sua classificação e realiza a autoavaliação.				

Quadro 2- Critérios de avaliação

As Ilhas [Des] Conhecidas Oficina de Artes 12º ano turma E e F 2º Período 2022/2023			
Nome _____			
Nome dos Colegas de grupo _____			
Critérios de Avaliação			
Instrumentos de avaliação		Avaliação 200 pontos	Autoavaliação
Estudos gráficos	Interpretação de texto para imagem.	50	
	Domínio e rigor da execução da gravura.	30	
Experimentações plásticas bidimensionais e tridimensionais.	Participação no debate	20	
	Pesquisa sobre o artista e resposta às questões apresentadas.	40	
Debates/Atividades de reflexão / Interpretação.			
Trabalho de pesquisa	Apresentação do trabalho de gravura.	60	

Fotografias do processo de trabalho das turmas













Fotografias da exposição à comunidade escolar





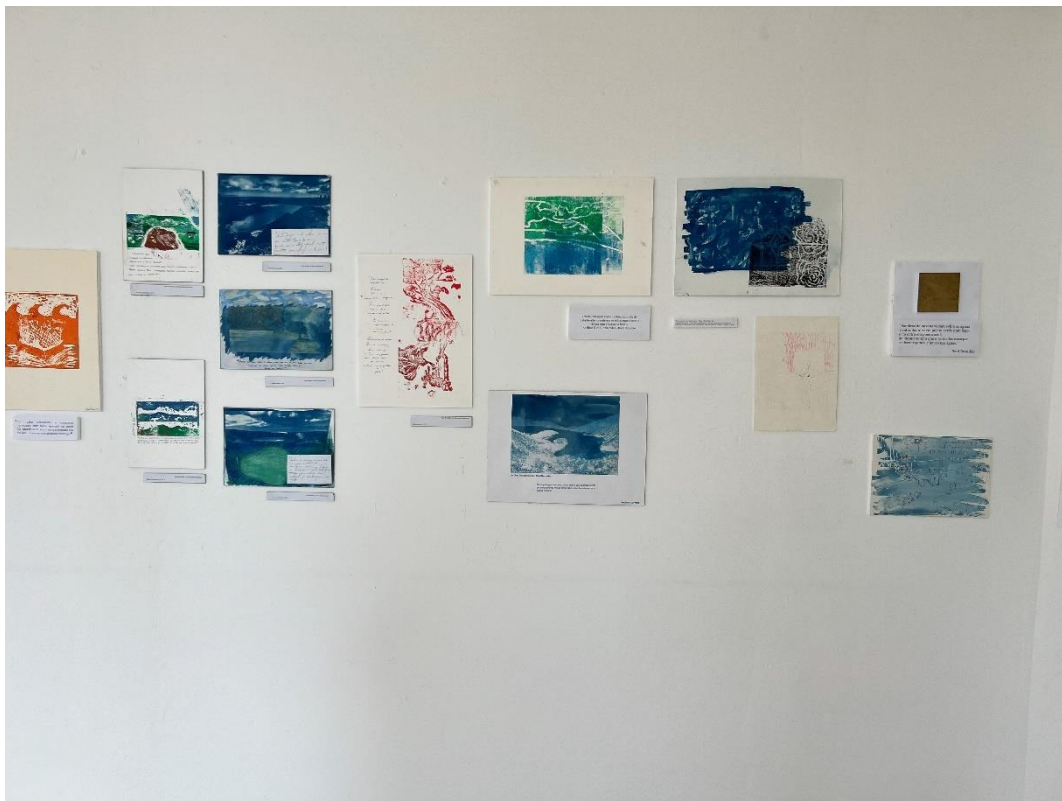






Imagem 1
Os Emigrantes (1926)
 Domingos Rebelo



Imagem 2
Os Regressantes (1987)
 Tomás Borba Vieira



Imagem 3
Os Naufragantes (2012)
 Urbano